

RelevO

Nov/2019, n.4, a. 10 • Periódico literário
independente feito em Curitiba-PR
desde set/2010 • ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a

artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique ou pelo contato@jornalrelevo.com.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em

jornalrelevo.com/enclave.

Das obras : As ilustrações da capa e da contracapa desta edição são de autoria de Moana Marques. Você pode conferir mais do trabalho dela em www.behance.net/moanamarques.

Outubro/2019

Editor: Daniel Zanella

Editor-assistente: Mateus Ribeirete

Ombudsman: Robson Vilalba

Revisão: Ramiro Canetta
Projeto gráfico: Iara Amaral
Infografia: Bolívar Escobar
Logística: Thaís Alessandra Tavares
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 28 de outubro de 2019

Disso de dinheiro

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES: R\$ 350 Celso Martini; R\$ 200 Alexandre Guarnieri; R\$ 150 Aginaldo Severino; R\$ 120 Pedro Luz; R\$ 100 Ádlei Carvalho; Vítor de Lerbo; Eduardo Baggio; João Paulo Gurgel de Medeiros; Rafael Ginane Bezerra Fausto dos Santos; Guto Souza; Eduardo Baggio; André Fernandes; R\$ 75 Elisa Ponciano; Dani Meriko; Marcelo Cândido; Nálu Nogueira; Marília Mattosinho; Flávio Sanso; Marcella Lopes Guimarães; R\$ 70 Mila Cassins; R\$ 60 Luiza Rosiete Gondin Cavalcante; Sandra Andréia; Amanda Cavalcante; Ceres P. Marcon; Larissa Olsen; Pedro Bertolin; Claudio Parreira; Helena Sofia; Laís Valério Gabriel; Alexandre Boide; Camile Triska; Ivan Justen Santana; Juliano Coelho; R\$ 50 Diogo Fernandes Honorato; Geraldine Ribeiro; Deborah Pink Perry; Patricia Herman; Talita Almeida; André Osna; Bárbara Brito; Andreia Fernandes; Samita Barbosa; Francisco Leandro Costa; Fernanda Lemos; Renata Silva Pinto; Rafael Aggens Ferreira da Silva; Julia Cajé; Cinthya Gonzales; Leila Bortolazzi; Douglas Lemos Milani; Rafa Kondratsch; Marcelo Marques Araujo; André Cassias; Deborah Dornellas; André Giusti; Lourença Lou; Frederico F. de Lucas; Alberto Lins Caldas; Vanessa Porfírio; Geraldo Lima; Arlindo Ramos; André Cassias; Iara Amaral; Kátia Brembatti; Sandra Modesto; Paulo Sérgio Ramos; Priscila Merizzio; Guilherme Amsterdam; Lucas Zanini e Mariana Vargas; Kamila Mayara Lima; Greicy Bellin; Lina Hamdar; Marina Domingues; Andréia Alves; Camila Asato; Amauri de Paula; Raísa Boing;

R\$ 47 Daniel Derevecki
TOTAL: R\$ 5.402

ANUNCIANTES:

R\$ 100 Editora Penalux; R\$ 50 Flávio Sanso; Gláuber Soares; FISK; Livraria Joaquim; Kikos Bar; R\$ 30 Sebo Edipoeira; O Alienígena
TOTAL: R\$ 410

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.300
Escritório: R\$ 350
Entregadora: R\$ 50
Capista: R\$ 50
Embaladora: R\$ 50
Editor-executivo: R\$ 1000
Editor-assistente: R\$ 100
Mídias sociais: R\$ 380
Diagramação: R\$ 100
Infografia: R\$ 70

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 400
Embalagem: R\$ 50
Correios: R\$ 1.088

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 25

(+) Entradas totais: R\$ 5.812

(-) Saídas totais: R\$ 5.713

(=) Resultado operacional: R\$ 99

Conselho Editorial

Alexandre Guarnieri
Ben-Hur Demeneck
Bruno Meirinho
Carla Dias
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Enilda Pacheco
Felipe Harmata
Gisele Barão
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga

Dos leitores

UM JORNAL DO PASSADO

AGP Paiva Engraçado, o meu exemplar veio com a data errada.

IGNOÂRNCIA MINA

Sued Sandes Olha, eu dei uma olhada rápida. Peço mil desculpas se parecer ignorância minha, mas ainda não entendo a proposta de vocês. Vocês se denominam “jornal”, mas não me parece um jornal. O que tem aqui, não considero como notícias, e como não tem um tema específico, parecem várias coisas, uma soma de assuntos aleatórios e desconexos. Qual o objetivo, afinal? É ser irônico? sarcástico? Ou só ser diferente? Uma das coisas que mais me incomodou foi a forma aleatória com que os textos são colocados. Muitos não possuem nem título, nada que os identifique ou que me faça ter curiosidade, que me faça ansiar por lê-los. Sinto que foram jogados ali, de qualquer jeito. Eu realmente sinto muito, imagino que não seja esse o tipo de que vocês gostariam

de receber. Mas não é da minha natureza colocar panos quentes ou fingir entusiasmo. Claro, seria muito mais fácil chegar e dizer que adorei, que o jornal é lindo, mas que não tenho interesse em assinar. E vida que segue... mas o jornalismo não é construído com falsos elogios, e críticas precisam ser feitas para que haja melhoria. Sempre.
Da redação: Olá, Sued. Obrigado pelo retorno. Não se preocupe em pedir desculpas; esse tipo de resposta realmente nos interessa. De fato, não é jornalismo nem se propõe a sê-lo. Reproduzimos textos literários (e/ou) que julgamos interessantes. Inserimos piadas, mas não necessariamente porque queremos ser irônicos/sarcásticos. É normal que não promovamos muito os nomes, biografias e históricos (nossos e de colaboradores). Esse tom – que infelizmente não te agradou – faz parte de como naturalmente montamos as edições. Uma edição do **RelevO** não almeja mudar a vida de ninguém, tampouco contar o mundo – mas se esforça, sim, para trazer textos instigantes. O que nem sempre conseguimos.

GARRAFA GELADA

Diego Moraes Boa tarde, a edição chegou aqui pra mim. Uma maravilha como sempre. Dessa vez aconteceu um fato interessante e inusitado: abri o envelope e deixei na mesa, isso na casa dos meus pais, e acabei esquecendo. Quando fui outro dia para pegar, minha mãe tinha pego a capa e usado para enrolar uma garrafa gelada. Acabei ficando sem essa.

LEVEMENTE SANGRENTO

Márcia Arantes Gostei bastante do trabalho. Porém, realmente faltam uns contos

bizarros, alienígenas e levemente sangrentos.

PLÁSTICO BOLHA

Munique Duarte Meu **RelevO** chegou, estou animada para ler, mas estranhei estar num saquinho plástico. Nada save the planet =/

Da redação: Munique, não nos orgulhamos. É uma economia da qual não conseguimos abrir mão no momento. Essa, claro, pode ser a mesma desculpa de qualquer grande empresa cínica. Mas não somos uma grande empresa (nem uma média, nem uma pequena). Estamos buscando outras formas de arrecadação – as quais nos permitiriam, entre outras coisas, investir mais nos envelopes. Fazemos o máximo para não abrir mão, por exemplo, do envio às bibliotecas comunitárias. Por sinal, o envelope que utilizávamos também não era exatamente ecológico. Ademais – e respondemos sem qualquer sarcasmo –, é razoável afirmar que nossa existência enquanto jornal mensal de papel fere mais o planeta do que estes plásticos biodegradáveis.

Gustavo Martins AGP, autor de “Ricardo, o dito” (edição de outubro): quem é? Transmitam a ele meus cumprimentos. E as vocês pela bela seleção! Abraço!

ATÉ

Fernanda Dante Essa edição está tão espetacular que até a coluna do ombudsman está um deleite...

Homero Gomes Vocês mandaram muito bem de chamar o Robson Vilalba para ser o ombudsman do jornal. Além de ser fã do cara, inovaram no formato. Achei do caralho! Parabéns!

Da redação: A inovação no formato não é culpa nossa! Todo o mérito ao Vilalba.

André Cassias Esse umbudsman pega leve.

OLOKO!

Mauro Guidi-Signorelli Gostei demais do jornal. Mesmo. Aquelas páginas mais bem humoradas que toda edição tem meio que no meio (invenções, teorias de conspiração, etc.) me lembraram da era de ouro da revista *Mad*. E esse miolo insano cercado de prosa e poesia é genial.

Ademir Assunção Sabemos o quixotismo que é manter uma publicação literária. Ainda mais neste momento de trevas. Vida longa ao **RelevO**. Grande abraço!

Laura Elizia Haubert Que capa linda!

Iara Amaral Belíssimo trabalho da gráfica inclusive, que não deixa na mão a designer e

nem o editor com insônia.

DESDITO

Henrique Jr. A edição de setembro foi do lúbrico ao lúgubre em poucos segundos. Tirando o — pra usar uma palavra que voltou à moda — fofo conto de Diana Joucovski (sim, tem uma lubricidade ali, mas velada) e o bem construído e emocionante conto em versos de Eduarda Vidal —, o que sobrou pras minhas retinas tão fatigadas* foi o pior texto de ficção que li este ano: “Ricardo, o dito”. O lúgubre que mencionei está nos temas de “Terceiro molar”, “Teu futuro te condena” e o próprio Ricardo. E, permeando o conjunto, uma poesia erótica (?) broxante. Por mais edições de não-ficção falando de ficção — acho que é isto o que espero de um jornal literário.

Sebo Rua Antiga Vocês sabiam que a Rua Antiga é uma das distribuidoras do periódico literário **RelevO**? Todo mês ele chega na nossa caixinha de correio. Para quem gosta de literatura, é só chegar e pegar, gente. A distribuição é GRATUITA. E se você gostar muito — mas muito mesmo! — e quiser apoiar o lindo e dedicado trabalho que eles fazem, é só fazer uma assinatura que custa tão pouquinho, R\$ 50 POR ANO. Temos disponíveis alguns exemplares do mês de setembro e outubro, já demos uma lida e, olha, tem muita poesia.

Casa Projetos Literários Continuaremos apoiando vocês financeiramente! Este é um compromisso público da nossa equipe e do CEO da agência Lívio Meireles, que antes de tudo, também é um jornalista que compartilha da posição de vocês com relação à imparcialidade dos veículos de comunicação. Sigamos! Vida longa ao **RelevO**!

Noemia Marques Vida longa ao **RelevO**, todo o meu apoio ao jornal... Fazer o que vocês fazem e da maneira como fazem é um ato de coragem! Que o periódico resista, sempre!

CAPA

Lorena de Lima Ai, como faz pra controlar a ansiedade? E que capa maravilhosa!

Diana Joucovski O jornal de outubro que me apresentou à brilhante Maria Artese e ao texto (de ficar com o coração quentinho) do Caio Paraguassu.

EDIÇÃO QUEER

Gustavot Diaz Relembrando arte que fiz para a Edição Especial Queer, do **RelevO** de dezembro de 2015, que está com nova campanha de assinaturas... Aconselho aos amigos este incrível veículo, que assino e acompanho desde a fundação em Curitiba!

É um jornal de literatura que se mantém há quase uma década sem auxílio institucional ou corporativo: uma boa receita de literatura independente.

Priscila Merizzio Assinem. Colaborem com a literatura independente que não depende de verba pública, mas sim do apoio das iniciativas privadas. O jornal é ótimo, só precisa de mais divulgação e de amantes de literatura engajados no papel de consumidores. Nada cai do céu. As contas precisam ser pagas. Um livro, uma revista, um jornal, um site: nada disso se constrói do nada.

Sandra Modesto As notícias estão ruins? Leia um jornal literário e divertido. Feito para os leitores esquecerem os boletos chegando. Hora de tomar um café e ler. Dica: um jornal que chega na casa da gente e a gente ama!

HORROR FASCISTA

Alberto Lins Caldas Pessoal, hora de ajudar uma das nossas armas contra o horror fascista. Não adianta falar de cultura. Vamos nos mover e quem não puder espalhe a ideia.

Karin Krogh Eu não ajudo o **RelevO**, eu simplesmente adoro receber meu jornal em casa com matérias deliciosas sobre literatura. Adoro sentar com um café e ler bem devagarinho. Se vocês curtem esse tipo de prazer, assinem. Vale a pena.

Fernanda Dante Como é dura a vida de quem opta por viver de arte, sem mamar na teta do governo. O preço da liberdade editorial é alto, mas igualmente compensatório. Querem comprovar? Assinem o **RelevO**, é conteúdo de qualidade que não deixa a desejar em relação a outros ricos periódicos culturais deste país.

Valdinar Monteiro de Souza Assine, leia e colecione.

REVELO

Lucas Wagner Lindo de mais. Jornal revelo.

Editorial

Em silêncio, o jornal convida o leitor para o seu itinerário de páginas e, assim, inicia sua transferência. Ao realizar tal procedimento, o filósofo francês Maurice Mouillaud alega que os jornais precisam do nome-de-jornal, o primeiro enunciado que um jornal oferece ao mundo. É a apresentação que visa a substituir outros jornais, o convite oficial.

O nome-de-jornal determina, constitui uma região, como o batismo em que o líder religioso anuncia o novo membro da comunidade, e firma um pacto com o leitor. Pode um jornal, por exemplo, se rebatizar?

Sim, mas é uma quebra de seu estatuto com aquele primeiro leitor que abriu sua pele e intencionou criar uma relação de intimidade.

Como fazer para confiar em um nome-de-jornal que desiste de si e se desfilia de seu estatuto seriado? O mesmo vale para jornais que morrem e renascem. Um jornal torna-se periódico, não nasce-o. Retirado dos escombros, o nome-de-jornal renascido é apenas uma pedra transferida a um museu sem visitantes.

“Historicamente, e junto com o livro, o jornal representou o primeiro objeto de série”, defende Mouillaud. Ser periódico é ser filiado a uma tradição do número 1, do início que serve de referência, um retorno ao original, ao cordão umbilical que envolve o leitor que deseja ver o útero do mundo. Mesmo que cada edição seja singular em sua emanção, ela promove retornos ao coração do nome-de-jornal. Um jornal sempre corre o risco do apagamento. Sua existência depende de financiamentos, de assinaturas, de anunciantes, de aportes públicos — não é o nosso caso, pois nunca fizemos ou faremos uso de tal caminho. O contribuinte não tem de pagar pelos nossos arroubos.

Ao se periodizar, um bem cultural em forma de papel se transforma em coleção, em que cada número atua de modo autônomo em certo período e depois se encaminha para o álbum. “O nome-de-jornal é, desta forma, um local de passagem entre o exemplar e o jornal, entre sua leitura privada e sua leitura pública”, enfatiza Mouillaud. Não é o número isolado que confere sua identidade, é o conjunto de repetições diferentes.

Onde está a assinatura? O nome-de-jornal fala, grita, tem sentimentos, humores. A assinatura é inconfundível, designa, torna-o, por direito, um nome próprio, o nome-de-jornal empresta seu olho ao leitor para lhe mostrar um mundo singular.

O leitor é o perito em grafologia do nome-de-jornal. Em cada escolha, o jornal se assina; em cada ausência, o jornal se mostra. Quando o jornal muda de configuração, o nome-de-jornal permanece ecoando a edição primeira. É o nome-de-jornal que carrega os erros, os lamentos, as decepções; que gera a desfiliação do assinante, que promove o desejo; que serve à captura de recursos para continuar existindo

O **RelevO** mudou seu projeto gráfico mais uma vez e segue seu percurso de nome próprio. São quase dez anos. Somos um urso estranho começando a ficar velho e cercado de eucaliptos. Contra todos os indícios, ainda não acreditamos que estamos no zoológico, observando a casca de banana entre os dedos, o fruto caído ao chão.

Uma boa leitura a todos.

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

Pará	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Belém	
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
Maranhão	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
São Luís	
Ceará	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leonidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Cambao de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura Biblioteca Livre Curió
Fortaleza	
S. G. do Amarante	Biblioteca Comunitária Literateca
Pernambuco	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ. Guri Biblioteca do Cepoma
Recife	
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Perú
Oitinda	Biblioteca Multicultural Nascedouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei
Bahia	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Salvador	
Missão Geraes	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Beim	Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
St. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachaloteca
Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
Rio de Janeiro	
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANN'S Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairuçu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Itema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
São Paulo	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmio Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araújo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
São Paulo	
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Picadeiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDD
Rio Grande do Sul	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária Cepimoteca Biblioteca Comunitária Chocolateão Biblioteca Comunitária Círculo Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
Porto Alegre	
Dist. Federal	Biblioteca Escolar e Comunitária da EOS 108/308

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?
ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Onde posso encontrar um Jornal RelevO para esboçar um sorriso enquanto leio?

ACRE	Rio Branco Livraria N&S / Livraria Paim
ALAGOAS	Maceió Casa de Cultura Luso-Brasileira
AMAZONAS	Manaus Kalena Café O Alienígena Acervo e Espaço Cultural / Sebo Edipoeira
BAHIA	Salvador Boto-Cor-de-Rosa / Midialouca / Livraria LDM (Brotas, Glauber Rocha e Shopping Paseo Itaigara) / Leitura Vale do Açú
Lauro de Freitas	Livraria Dom Casmurro
Vitória da Conquista	Livraria LDM
CEARÁ	Fortaleza Livraria Lamarca / Sebo Elenia / Livraria Arte & Ciência / Livraria Stará
DISTRITO FEDERAL	Brasília Banca da Conceição / Livraria, Café e Bistrô Sebinho / Centro de Vivência Ernesto Cafés Especiais / Rapport Cafés Especiais e Bistrô / Quantocafé / Martinica Café / Vicalli Caixa Cultural / ONG Moradia e Cidadania / Instituto LGBT
ESPÍRITO SANTO	Vitória Torre de Papel
Dores do Rio Preto	A Cafeteria
Guarapari	Banca da Lua
São Mateus	Livraria Sebo & Arte
GOIÁS	Goiânia Evôê Café Com Livros / Livraria Palavrear / Livraria Leodegária Café Carino
Anápolis	Café S/A
MARANHÃO	São Luís Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro / Sebo Papiro / Livraria Moderna
MATO GROSSO	Culabá Bazar do Livro Matriz / Sebo Rua Antiga Metade Cheio
MATO GROSSO DO SUL	Campo Grande Livraria Le Parole / Livraria Oceano
Dourados	Companhia dos Livros
MINAS GERAIS	Belo Horizonte Armazém do Livro / Dona Clara / Livraria da Rua / Sebo Ubuntu / Editora UFMG Café do Palácio / Café 104 Espaço Guaja
Itajubá	Lume Livraria / Sebo Bis
Juiz de Fora	Livraria Contraponto
Pouso Alegre	Sebo São Darwin
Tiradentes	Livraria Café Italiana
PARÁ	Belém Fox Livraria, Café, Papelaria e Locadora de Vídeos / Sebo do Gueto
Santarém	BPP Sebo & Locadora
PARAÍBA	João Pessoa A Budega Arte Café / Livraria do Luiz Viveiro Pirata / Quintal Armorial / Centro Cultural Espaço Mundo / Usina Cultural Energisa / Centro Cultural Ariano Suassuna
Cajazeiras	Livraria Universitária CZ

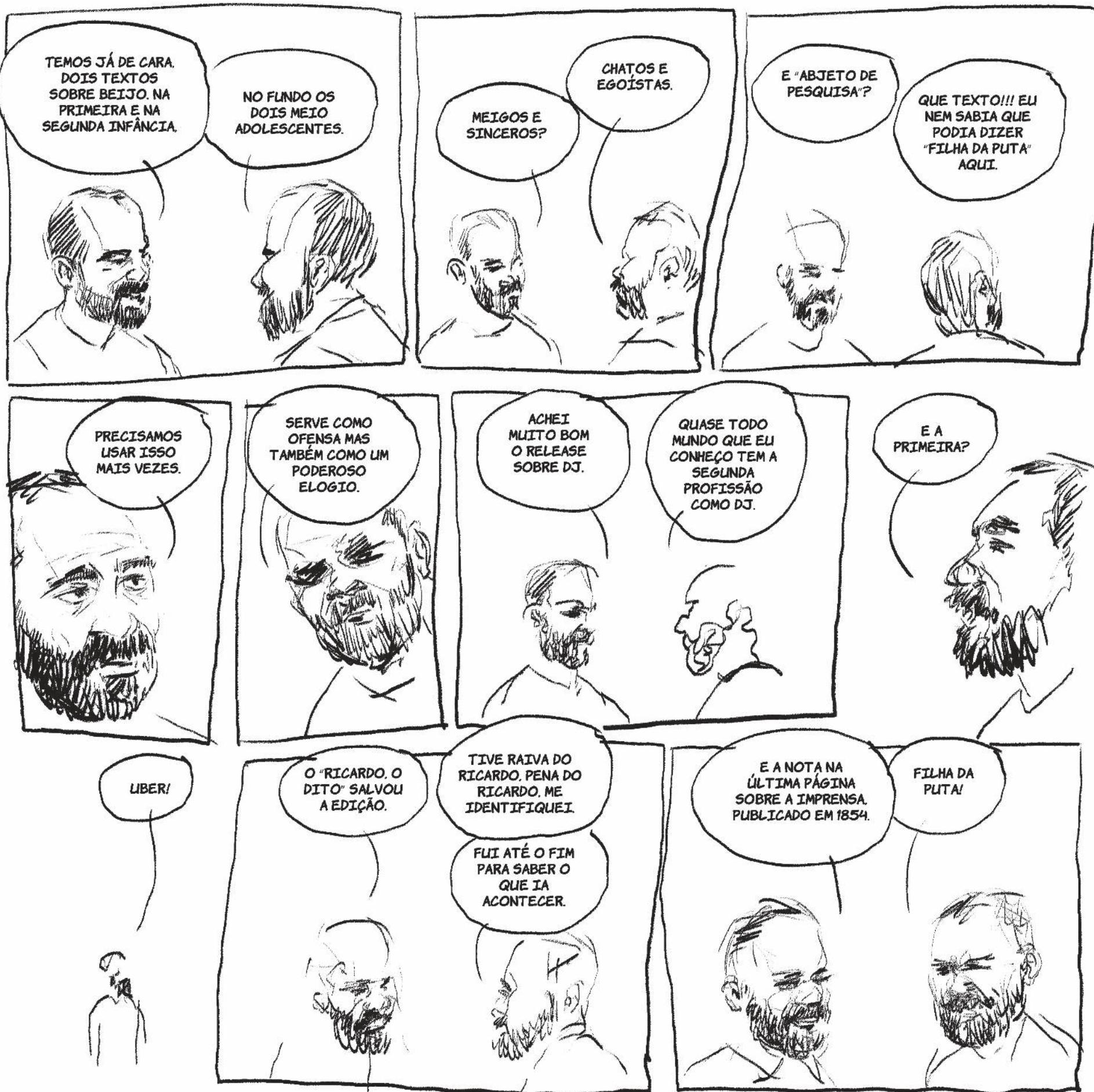
Campina Grande	Livraria Campinense
PARANÁ	Curitiba Agendarte Livros / Sebo Releituras / Itiban Comic Shop / Joaquin Livros & Discos / Livraria Arte & Letra / Livraria do Chaim / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Barbante / Livraria Vertov Supernova Coffee Roasters / Pause Café / Café Mile / Café Lisboa / Café do Vagante / Cheessa Café / Café do MON / Magnólia Café / Panificadora Quintessência / Provence Boulangerie / Botânica Café Bar Plantas / Brooklyn Café / Café Avenida / Café Tramisu / Espresso Café / Café do Mercado / Café do Teatro / Kaveh Kanes / Fingon Café / Moto Racer Café O Torto Bar / Tuboteca / Freguesia do Livro / Centro Europeu / Baba Salim / Kikos Bar / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Selvática Ações Artísticas / SESC da Esquina / Paço da Liberdade
Apucarana	SESC Apucarana
Araucária	Banca da Aracy Duetto Café Casa Eiseu Voronkoff / FISK
Caioabá	SESC Caioabá
Campo Largo	Barba Camisetas / Inspirarte
Cornélio Procopio	SESC Cornélio Procopio
Foz do Iguaçu	SESC Foz do Iguaçu
Francisco Beltrão	SESC Francisco Beltrão
Guarapuava	Gato Preto Discos e Livros / A Página Livraria SESC Guarapuava
Ivaiporã	SESC Ivaiporã
Jacarezinho	SESC Jacarezinho
Lapa	Livraria e Papelaria Nanise Panificadora Zeni
Londrina	Livraria da Sílvia / Nosso Sebo / EDUEL SESC Londrina (Cadeião e Centro)
Maringá	Café Literário
Medianeira	SESC Medianeira
Pato Branco	Alexandria Livraria e Cafeteria SESC Pato Branco
Ponta Grossa	Verbo Livraria / Sebo Espaço Cultural I e II Hostel Paraná / Phono Pub / Frederico Cervejas & Cervejas
São José dos Pinhais	Sebo da Visconde
São Mateus do Sul	Vitros & Cia
Toledo	Livraria Baluarte
Umuarama	SESC Umuarama
PERNAMBUCO	Recife Livraria Praça de Casa Forte / Livraria Idéia Fica / Varejão do Estudante Clandestino Café / Borsol Café Clube - PINA / Borsol Café Clube - CALIFORNIA / A Vida É Bela Café / Matakoff Café / Brigadeiro Café
Garanhuns	Livraria Casa Café
Olinda	Sebo Casa Azul
Salgueiro	Capabélla Sebo
PIAUI	Teresina Café da Gota Serena / Café Art Bar
RIO DE JANEIRO	Rio de Janeiro Belle Époque Discos e Livros / Livraria Leonardo da Vinci / Books Livraria / Livraria Argumento Leblon / Livraria Argumento Rio Design Barra / Livraria Beco das Letras / Arlequim / Letra Viva Filial / Livraria Berinjela / Livraria e Edições Folha Seca / Banca do André / Livraria da Editora UFRJ Café Pingado Espaço Saracura / Cine Jóia

Araruama	Livraria Castro Alves
Cabo Frio	Sebo do Lanati / O Sebo Antigo
Mesquita	Sebolinha Livros e Revistas
Nova Friburgo	Sabor de Leitura
Paraty	Livraria de Paraty Teatro Espaço / Casa da Cultura de Paraty
Petrópolis	Livraria e Bistrô de Itaipava
Seropédica	Canto Geral Livros e Discos
Três Rios	Livraria Favorita
RIO GRANDE DO NORTE	Natal Sebo Café / Cooperativa Cultural Univ. do RN Mosseró Resebo Praia da Pipa Book Shop
RIO GRANDE DO SUL	Porto Alegre Cirkula / Livraria Bamboletras / Livraria Baleia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria Café Cartum Galeria Hipotética Bento Gonçalves Dom Quixote Livraria & Cafeteria / Papparazzi Canela Empório Canela Caxias do Sul Do Arco da Velha Livraria & Café Dulce Amore Café & Algo Mais Frederico Westphalen Vitrola Pelotas Livraria Vanguarda Santa Maria Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) / Anatera Livros São Francisco de Paula Miragem Livraria Venâncio Aires Castelo Livraria & Café
SANTA CATARINA	Florianópolis Sebo Ilha das Letras / Livraria Livros & Livros Café Cultura Lagoa da Conceição / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguatemi / Café Cultura Multi Open Shopping / Café Cultura Aeroporto Hercílio Luz Tratharia Balneário Camboriú Santo Livro Livraria e Bookstore Café Cultura Balneário Shopping Blumenau Livraria Blúlviro Brusque Livraria Saber Caçador Livraria Selva Criciúma Café Cultura Nacões Shopping / Café Cultura Metropolitan Business Center Livraria Fátima Joinville Barba Ruiva Livros & Discos Casa 97 Mafra Restaurante Amora Sustentável Morro da Fumaça Livraria Beco Diagonal São Bento do Sul Dom Quixote Livros São José Sebo Ilha das Letras Café Cultura Continente Shopping Tubarão Libretto Livraria Café Cultura Fardol Shopping

SÃO PAULO	São Paulo Comix Book Shop / Catavento / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Zaccara / UGRA PRESS / Books Livraria / Banca Curva / Descube A Poeta / Patiscada Bar / Livraria NovoSete / Banca Tatui / Livraria Roteiro / Livraria Simples / EDUSP / UNESP / Espaço Itaú Augusta A Casa Tombada / Casa Guilherme de Almeida / Teatro do Centro da Terra / Matilha Cultural / Estudio Lámina / Tapera Taperá / Casa do Povo / Casa das Rosas / Instituto Moreira Salles / Escrevedeira / Literário Café & Coworking
Araçatuba	Sebo Dom Quixote
Araraquara	Casa da Cultura / Palacete das Rosas Livraria Murad
Botucatu	Sebo Alfarrabio
Campinas	Livraria Pontes / Sebo Porão / Livraria Iluminações / Contracultura TORTA - Espaço para um Dedo de Prosa
Campos do Jordão	Livraria Jaguaribe
Franca	Sebo Almanaque Confraria Cult / IPRA
Guarulhos	Livraria Guarulhos
Itatiba	Livraria Toque e Letras
Mogi Mirim	Banca do Sardinha
Piracicaba	Sebo do Formiga Livraria Travessa Ribeirão
Santo André	Livraria Pacobello Gambalala Espaço de Artes e Convivência
São Carlos	EDUFSCAR
Taubaté	Sebo Estação Cultural
Vinhedo	Sebo Vinhedo
SERGIPE	Aracaju Livraria Escariz
Locais Relevantes	O Alienígena facebook.com/seboalienigena/ Manaus / AM Gato Preto facebook.com/gatopretodisco/ Guarapuava / PR Kikos Bar bit.ly/kikosbar Curitiba / PR Banca Tatui www.bancatalui.com.br Desenho por Angéla Leon São Paulo / SP Sebo Edipoeira instagram.com/seboedipoeira Manaus / AM

- ### Legenda
- Livrarias, bancas e sebos
 - Cafeterias e panificadoras
 - Espaços culturais

Quer aparecer aqui?
Entre em contato!
contato@jornalrelevo.com



ERRATAS

Na edição de outubro, não demos os devidos créditos às imagens de Sergio Lima. Elas foram gentilmente cedidas pela Fundação Cupertino de Miranda, de Vila Nova de Famalicão, em Portugal.

Também conseguimos errar o número da nossa própria edição. Em vez de <outubro/2019, edição 3>, saiu <setembro/2019, edição 13>, o que mostra como somos disruptivos em relação à ideia opressora de continuidade.

1.1 Herberto Helder e Surrealismo

Priscila Merizzio

Trecho de Matizes surrealistas no poema "O amor em visita", de Herberto Helder, dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da UTFPR, em 2019

É importante salientar que esta reflexão não pretende travar diagnósticos definitivos sobre os poemas de Herberto Helder. Neste estudo, uma centelha será aproximada ao surrealismo, no entanto, sabe-se que sua obra jamais deverá ser atrelada exclusivamente a este ou aquele movimento. Com todo o cuidado que a situação requer, crê-se que é esta a situação entre Helder e sua obra: ela está difusa com sua vida pessoal, especialmente porque o poeta não distinguia a literatura da própria existência e a literatura do corpo.

Helder já é considerado um cânone da língua portuguesa pela crítica contemporânea: sua obra é pesquisada em universidades e apresentada em seminários, congressos; há também homenagens em diversos países. Língua materna: tão vital ao poeta a preservação do materno, por isso mesmo, tão especial sua relação com esta língua-mãe:

Entontece meu hálito com a sombra,
tua boca penetra a minha voz como a
espada se perde no arco.
E quando gela a mãe em sua distância
amarga, a lua estiola, a paisagem regressa

ao ventre, o tempo se desfibra — inven-
to para ti a música, a loucura e o mar.

(HELDER, O Amor em Visita,
(2016[1958], p. 20)

Nos versos da segunda estrofe, que iniciam na terceira linha, é possível deferir neles aspectos edipianos, uma vez que, na medida em que a figura da mãe gela — símbolo de que morreu — e torna-se distante, a própria lua — nas religiões sagradas, símbolo da fertilidade, da figura materna, da grávida e das fases da mulher — “estiola”, ou seja, murcha, encolhe, “a paisagem regressa ao ventre”. Ventre este, agora minguido, regredido, onde não há mais ali um filho. Até o tempo enfraquece. É neste momento de vazio e luto que o eu-lírico erige-se e volta-se para a amada e, para ela, inventa uma música, “a loucura/ e o mar”. (HELDER, 2016[1958], p.20).

É curioso notar que a simbologia do mar e da lua está diretamente correlacionada, uma vez que a lua rege as marés e a loucura está associada à fúria e à calma marítima. Além do mar, a lua tem também suas flutuações. Portanto, ambos os arquétipos, mar e lua, têm



FISK

CENTRO DE ENSINO

3642-3690

3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 – ARAUCÁRIA/PR

livros | vinis



Joaquim
Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51
Centro Curitiba-PR

info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria



um lado encantador e outro sombrio, escuro, amedrontador. Por vezes, para chamar alguém de louco, é utilizado o termo “lunático”. Há várias referências paralelas a estes simbolismos, sejam da cultura pop ou de uma tradição cultural, como *The Dark Side of the Moon*, álbum clássico de Pink Floyd. E, no ocultismo, se tem a Lilith, conhecida como “Lua Negra”, que, no mapa astral do nativo, corresponde aos seus medos, segredos, seu lado violento e, também, à sexualidade em alta voltagem, no melhor estilo sadiano ou batailleano.

Outro bom exemplo do erotismo associado à Lilith (o amor sadomasoquista, escatológico, aquele que foge do convencional à sociedade) está no filme *Belle de Jour* (1967), de Luis Buñuel — cineasta ligado ao surrealismo: a protagonista, interpretada por Catherine Deneuve, tem um casamento estável e de conforto material com um homem que lhe dá atenção, afeto, carinho; no entanto, eles dormem em camas separadas e a relação de ambos se parece mais com a de dois irmãos. O filme inicia com um sonho, onde a ela é amarrada em uma árvore por seu marido e outros homens: eles atiram cocô de cavalo em seu rosto, depois, ela surge quase despida, com as combinações da roupa de baixo; eles riem, estala o chicote no ar. De poucas palavras e muito introspectiva, a personagem procura um bordel, onde se candidata para ser prostituta durante o período da tarde, enquanto seu marido está no trabalho — a cafetina, então, encantada com sua beleza e elegância, dá-lhe o codinome de Bela da Tarde. Inicia, então, a história desta mulher, intercalando entre dois mundos: o da alta sociedade, sendo esposa requintada e o da prostituta que realiza a fantasia de homens — um deles pede que ela entre em um caixão e finja que é sua esposa que morreu e ela, sem pestanejar, aceita: tem-se, aqui, o erotismo e a tanatologia.

Ainda sobre os versos de Helder, a respeito da lua (mãe) e do mar (loucura), no livro *Poemacto* (2016[1961], p.103) há um poema que diz:

Ah, a mãe louca à volta, sentadamente completa.

Pode-se notar a construção do verso em anacoluto. E a figura desta mãe hipérbole, “louca à volta” e “sentadamente/ completa.”. Em dezenas de momentos da obra herbertiana a figura da mãe apresenta-se de mãos dadas com a loucura, como no poema “No sorriso louco das mães” (2016[1961], p. 43 e 44). Ainda nos versos supracitados, antes ainda das reminiscências da mãe virem à tona, o poeta faz trovas à amada:

Entontece meu hálito com a sombra,
tua boca penetra a minha voz como a
espada se perde no arco. (HELDER,
2016[1961], p.20).

O eixo amor-morte está presente logo no primeiro verso, em que ele pede para ficar tonto (ébrio), através de um beijo sombrio (chamamento da morte, do morrer de amor) da amada —, o hálito dela entontecendo o hálito dele pode-se figurar como a tontura causada pelo álcool; neste contexto, talvez a bebida seria o vinho, que, nas escrituras sagradas cristãs, tanto pode ser relacionado ao sangue de Cristo, como, nos mitos e religiões pagãs, ao deus Dionísio, onde o vinho é o desejo e o amor erótico, dionisíaco e, também, a menstruação da mulher (na obra herbertiana fala-se um bocado da menstruação, sinônimo de fertilidade, de sexualidade e, de certo modo, da ausência de filhos).

No caso da boca da amada penetrando a voz do poeta como espada, entende-se esta penetração (energia masculina, fállica, há aqui, portanto, um papel sexualmente ativo à mulher), como o adentrar em sua fala (palavra/poesia).

Quando um poeta pede, imperativamente, para que sua amada penetre em sua voz poética, ele está arrebatadamente entregue a este sentimento de Amor Louco, em um alicerce fállico de interpenetração, onde um se torna o outro. Ele pede, ainda, que ela se perca no arco. Em um primeiro momento, pode-se rapidamente fazer associações entre “arco e flecha”, uma vez que, como se constatará adiante, a “flecha” é recorrente nos escritos de Helder. Porém, usando como ponto de partida a obra completa do poeta, é viável notar a correlação da boca da amada que penetra a voz do amado como espada e, depois, “se perde no arco” (2016[1961], p.20) com a linguagem bíblica, onde a figura da espada é uma constante nos dois testamentos, tendo ela diversas simbologias, como a “espada da verdade” sendo a palavra de Deus e a língua do fiel que a profere como sua principal arma, conforme consta no livro de Efésios, do Novo Testamento, na descrição da armadura do cristão: “Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus.” Efésios (6:17)

Nesta outra passagem, além da espada, há também o arco: “E a você, como alguém que está acima de seus irmãos, dou a região montanhosa que tomei dos amorreus com a minha espada e com o meu arco” Gênesis (48: 22). Aqui, o “arco” não tem a ver com arco-íris e, sim, com a aliança que os filhos de Deus têm com Ele. O arco como o anel entre a noiva (igreja) e o noivo (Cristo), os aliançando até à eternidade. No caso desta estrofe do poema de Helder, a eternidade está presente como a “sombra” que entontece o hálito do poeta para, em seguida, ele iniciar elegias à figura da mãe que foi ceifada pelo beijo da morte, ou, como já meneado anteriormente, na psicanalítica visão, vinda desde Freud, entre desejo e morte. ■

O Homem de Espuma

Márcia Arantes



Existem coisas que deveriam permanecer encerradas nos mundos inóspitos de onde vêm, mesmo que sejam capazes de adaptar sua vivência às condições de nosso mundo. Existem fronteiras que jamais poderiam ser cruzadas, portas que nunca deveriam ser abertas; a espuma acariciando a pele de Adriana daquele jeito profano e cruel era testemunha disso.

O Homem de Espuma veio aquela noite e ela não pôde mais dizer-lhe não.

Adriana não saberia dizer qual fora o dia exato do contato inicial com o ser. Seu primeiro encontro havia sido diluído em várias semanas, quando ele começou a aparecer, aos poucos, sempre que as delicadas mãos da moça tocavam a água do banho, da limpeza do chão, das louças ou das roupas. Logo ficou evidente que a preferência do Homem de Espuma era pelo tanque de duas cubas; tendo um pouco mais de espaço, ele conseguiu atravessar mais facilmente de seu mundo para a lavanderia em tons de rosa, adaptando-se facilmente ao ambiente. Trouxe consigo odores delicados que, em contato com o olfato de Adriana, despertavam-lhe sensações de prazer, ainda que carregassem uma nota inconfundível do suor dos apavorados ao fundo. A possibilidade do terror exercia um fascínio na mulher que, mesmo temendo, sentia-se magnetizada pelo Homem de Espuma e procurava o contato com ele.

O Homem de Espuma, no início, não passava de um contorno de bolhas beges boiando nos baldes e no tanque, aparecendo sempre que Adriana fitava a água que se acumulava em qualquer recipiente. Nos primeiros dias, ficou

óbvio que ela não daria atenção ao que via. Pareidolia era divertido quando se tratava de ver cães em nuvens, mas enxergar sinais ou conversar com homínídeos de espuma seria tratado com estranheza, podendo evoluir para um internamento conforme a paranoia aumentasse. A possibilidade era tão ridícula que Adriana nem havia considerado essas teorias conscientemente; suas conclusões sobre normalidade, arraigadas no subconsciente, guiavam seus olhos automaticamente para longe de tais coincidências, e ela nem chegava a pensar no assunto.

Ela só passou a prestar atenção na figura de espuma quando esta deixou de parecer com a forma achatada de um corpo boiando e começou a tomar o formato tridimensional de mãos humanas que, delicadas, afagavam a pele de Adriana cada vez que ela mergulhava seus braços até o cotovelo no tanque cheio de água. A coincidência do formato logo capturou o interesse de Adriana e o afago se tornou insistente até que a mulher compreendeu que aquelas mãos de espuma pertenciam a um corpo que desejava passar para seu mundo. Preocupada que o Homem de Espuma não pudesse se habitar à atmosfera terrestre uma vez fora d'água, ela resistiu; levou dias até ceder às insistências da criatura, e só o fez quando as frágeis bolhas beges começaram a deixar vergões arroxeados na pele de seus braços.

A criatura sentia a excitação de Adriana durante os minutos em que tinham contato. Ele sabia, através dos poros abertos e arrepiados da fêmea humana, que ela pensava muito sobre

as possibilidades que aquela coisa macia feita de bolhas de ar poderia lhe proporcionar. O Homem de Espuma a espiava quando a noite caía e Adriana, sozinha na lavanderia, entregava-se à perversão motivada pela solidão de seus relacionamentos fracassados com outros humanos. A mulher usava suas próprias mãos para dar vazão à sua imaginação, e a criatura, astuta, usava a culpa e o desejo irracional de Adriana para facilitar sua passagem entre os mundos.

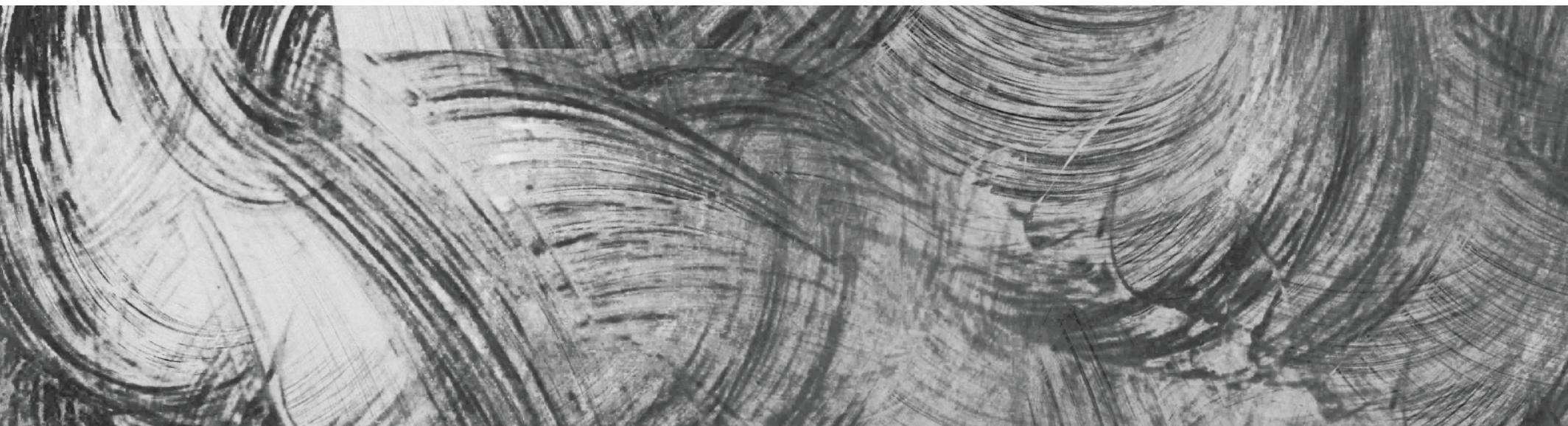
O Homem de Espuma pensava e concluía que parte do cérebro dos humanos escorria junto com a umidade formada entre as pernas de suas mulheres quando se preparavam para copular. A fêmea humana resistia em ajudá-lo por medo que ele não pudesse sobreviver às condições da Terra — ela não pensou, em nenhum momento, no que poderia acontecer caso a espécie humana não se adaptasse à presença do Homem de Espuma. Mesmo quando sua pele começou a apresentar feridas por conta do contato prolongado com a criatura, ela não pensou em sua própria sobrevivência e começou a tirá-lo daquele portal cheio de água, transferindo-o, parte por parte, para o piso gelado da lavanderia.

Quando seu corpo poroso estava completamente formado, à imagem e semelhança de um humano, o Homem de Espuma chamou Adriana para se deitar sobre ele. De sua psique alienígena para a consciência da humana, passaram-se imagens de corpos de mundos diferentes ondulando uns sobre os outros e provocando múltiplas sensações em suas carnes. Ela via, em

sua mente, a troca de temperaturas, os fluídos queimando e derretendo em contato com a matéria orgânica da outra espécie, conseguia enxergar as sinapses neurais dos envolvidos demonstrando uma agonia intensa e, ainda assim, sem sinal de querer interromper a danação.

Cheia de asco e medo, Adriana correu da lavanderia e se trancou no quarto, mesmo sabendo que o Homem de Espuma ainda não conseguiria se levantar e vir até ela. A distância entre os cômodos e a porta fechada, contudo, não impedia que os apelos vindos da criatura atirada no chão de porcelanato branco chegassem até o cérebro de Adriana. Seu sono foi entrecortado por imagens de orgias torturantes e seu corpo queimava com a lascívia provocada pela curiosidade. O sexo com os homens de sua espécie sempre terminava deixando-a com gosto de sola de sapato no corpo todo e, então, aparecia aquela criatura de poros beges prometendo uma miríade de sensações que ela sabia que jamais sentiria de outro modo.

No dia seguinte ao convite, ela foi trabalhar, ardendo em febre entre a passagem dos minutos, enquanto tentava preenchê-los de normalidade. A água do banho matinal abriu sulcos pelo seu corpo e a visão das feridas purulentas que pareciam com bolhas de espuma fez seu estômago retorcer e expulsar quaisquer partículas ainda não digeridas. O café da manhã desceu por sua garganta como se estivesse engolindo agulhas e linhas que tricotavam uma bola de lã no seu ventre, pesando tanto que logo Adriana



não suportou mais a ideia de ingerir qualquer outra coisa. A fuligem da cidade, o calor emanado do asfalto e a rotina ressecaram sua pele. Sua língua sedenta enrolava-se dentro da boca e ela sufocava, levantando-se da sua mesa no escritório a cada quinze minutos para molhar seus braços e pescoço. O uniforme grudava no corpo conforme as alucinações recorrentes em sua mente exsudavam por toda a epiderme debilitada pela febre.

— Dri, tá com caganeira? — um dos seus colegas perguntou, um ar de riso permeando seus lábios. Adriana lutou para recordar o nome dele, mas sua cabeça era um abismo púrpura de luxúria e sevícias de dar nojo e só conseguiu lembrar que o rapaz tinha o pau grosso demais para o sexo anal. Ela teve que abandonar o escritório em seguida, se trancando no quarto para sofrer com a temperatura do seu corpo. O termômetro encaixado precariamente sob a axila registrava quarenta vírgula dois graus: Adriana gemia e se retorcia, arregalando os olhos como se pudesse expulsar as imagens de corpos derretidos através da esclera.

Ela lutava contra os sons, cheiros e os lençóis que feriam seus poros dolorosamente sensíveis; como num sonho, Adriana tocou a pele do seu braço e, olhando para a ponta dos dedos, viu um pouco de espuma bege deixando um rastro no ar, lembrando-a que o alívio para a febre terrível que a consumia estava aguardando-a no chão da lavanderia.

— Eu não vou — delirou. Gritou aquela negativa várias vezes antes de perceber que já estava a cinco passos da

lavanderia.

Seus olhos focaram na silhueta tênue, em baixo relevo, do Homem de Espuma virando a cabeça para encará-la. No rosto frágil, um sorriso malicioso se destacou. Como se caminhasse sobre a arrebentação do mar contra a praia, Adriana venceu o restante da distância até a lavanderia, deixando suas roupas pelo caminho.

Adriana trabalhava numa agência de publicidade. Uma mulher imaginativa, possuindo a criatividade e dominando as metodologias necessárias para ter um excelente desempenho no seu trabalho; ela conhecia gatilhos, sabia quais botões apertar para despertar impulsos específicos no público-alvo de seus clientes. Contudo, ela não teve tempo para pensar sobre essas questões em relação à uma criatura de outro mundo; se soubesse como seus pensamentos eram o hospedeiro ideal para O Homem de Espuma, Adriana teria colocado fogo naquele apartamento sem hesitar. No entanto, era um outro tipo de chama de ardia no chão da lavanderia naquele instante. O corpo nu da fêmea humana movimentava-se em ondas e tremores sobre a criatura que ficava mais sólida, ganhando vantagem sobre aquele planeta inicialmente hostil a cada pensamento e ricto de agonia que escapava pelos lábios grudentos da mulher.

O Homem de Espuma era um parasita; seu sistema nervoso não era exatamente primevo, já que era capaz de emitir pulsos que provocavam a formação de imagens e percepções específicas em seu alvo. Notoriamente dotado de um cérebro mais complexo, seu hospedeiro reagia imediatamente

a tais estímulos. Oxitocina, dopamina, endorfina, serotonina, o Homem de Espuma precisava de tais hormônios para se adaptar ao mundo de seu hospedeiro e perpetuar-se. Não era uma simbiose mútua, no entanto; o que ele tomava, fazia sem oferecer uma contrapartida, e tomava através de muita dor.

A pele de Adriana estralava, como se estivesse sido exposta a várias horas de um sol tórrido sem qualquer tipo de proteção. Ela revirava os olhos, delirando, a febre alta transformando sua existência num martírio. Em sua cabeça espocavam flashes horrendos das coisas que ela mais abominava e das quais fugia cada vez que os noticiários acusavam tais notícias, e ela era forçada a sentir na pele cada uma das sensações evocadas pelas imagens. Facas perfurando olhos. Fome corroendo estômagos lentamente. Dedos enfiados em vaginas infantis. Todo o tipo de instrumento contundente rompendo peles. Ossos quebrados. Gordura estalando sob o fogo. Corpos mortos sendo esquartejados, e essa última parte intensificou a agonia de Adriana ao perceber que a dor persistia — ainda que a interface cerebral estivesse aparentemente inativa, as sinapses continuavam ocorrendo.

O cérebro de Adriana não dava descanso. Sob um aparelho de ressonância, sua cabeça acenderia com força suficiente para iluminar um quarteirão inteiro. O corpo do Homem de Espuma extraía a vitalidade de Adriana pelos seus poros dilatados pela febre, como agulhas afiadas entrando e saindo de cada minúsculo ponto em sua pele. Os bicos de seus seios ardiam, rachados, e sua vulva parecia se esfregar contra a

lâmina de uma faca cega.

Com um grito, Adriana implorou que a criatura saísse de sua cabeça e cessasse a extração. Por sua vontade, ela não conseguia parar. Contra sua vontade, seu corpo experimentou um pico de prazer no meio daquela cena de insanidade e ela sentiu como se realmente estivesse derramando um pouco de seu cérebro entre as pernas.

Confusa, dolorida, morta por dentro, Adriana se arrastou até o seu quarto e, sem saber como, se largou sobre a cama fedida de suor. Exausta, dormiu.

Acordou revigorada. A danação vivenciada na noite anterior era uma lembrança surpreendentemente desejável. Preguiçosamente, Adriana se espichou entre os lençóis úmidos, encarando o reflexo bege de seus olhos no espelho ao lado da cama. Acariciou languidamente o trecho de pele entre o abdômen e a vulva. Gestava, e estava faminta.

— Dri, sou eu. Abre aí, a gente tá preocupado...

O rapaz do trabalho — aquele que O Homem de Espuma não lembrava o nome, só sabia que tinha o pau deliciosamente grosso para ser engolido — batia à porta do apartamento. Adriana se levantou para abrir.

O Homem de Espuma viria aquela noite outra vez, e não teriam como dizer-lhe não. ■

A jornaleira

Tárcila Bevaro

depois de longo período
eu, na cadeia
produzia e distribuía produtos
eles, em pontos estratégicos
como esquinas e avenidas
eram o grande movimento

saí na gazeta por vender
demais
avulso, nas ruas
ele
avulso
também
e recebemos as devidas comissões
quando estávamos na forma de comércio
que trabalhava pro
sistema. — nós somos a dupla que não se vende — encalha, mas rende.

começou a acontecer na europa
e eu nem sei se chegará
no brasil em algum
momento e
nesse
momento
é
vantajoso que chegue
aqui
o primeiro mundo também
o que exclusivamente pra esse
nosso assunto e nossos produtos
é exclusivamente
também
necessário acontecer
aqui no primeiro
mundo
as tendências de crescer e aumentar
as vendas por que
estados
distribuem gratuitamente
e deixam assinado ou subscrito
que nós deveríamos aparecer nos mercados
deixando recados e no espaço quadrado
dos metrôs também

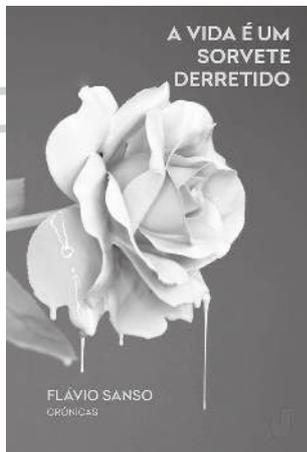
nós deveríamos ser e não só aparecer
dispensáveis pra circulação
dispensáveis pra circulação
dispensáveis sem alternativa
e quando têm: dispensáveis

nossa alternativa atrai antipatia?

— me distribua em suas publicações
vá! se queres ser mercadoria
vá
enquanto
te noto

Tatiane Silva Santos

1.
O poema
esta sacola de lixo
na calçada
rasgada por um cachorro
mostrando o que não devia.



David Arrigucci Jr., referindo-se a Rubem Braga, o mais notável de nossos cronistas, sugere que “a crônica é a forma complexa e única de uma relação do eu com o mundo (...). Uma arte narrativa, enfim, cotidiana e simples, enroscada em torno do fato fugaz, mas liberta no ar, para dizer a poesia do perecível.”

Se é assim, esta coletânea de crônicas pode ser considerada um tributo a esse gênero literário, na medida em que o autor, sempre posicionado como observador discreto, joga luzes sobre ocorrências efêmeras, traçando um retrato sensível de pessoas, animais e lugares que, de despercebidos, são alçados a protagonistas (por que não heróis?) do cotidiano.

Enfim, como anunciado na primeira de suas crônicas, este é um livro que celebra os mais mezinhos momentos que pululam por aí. Espalhados por toda parte, estão disponíveis a quem quiser enxergá-los como “poesia do perecível”.

Hija Filha del do viento viento

Alejandra Pizarnik

Trad. Jorge Bandeira.

Han venido. Invaden la sangre. Huelen a plumas, a carencia, a llanto. Pero tú alimentas al miedo y la soledad como a dos animales pequeños perdidos en el desierto.	Eles chegam. Invadem o sangue. Arrancam as plumas, a carência, o pranto. Porém tu alimentas o medo e a solidão como a dos pequenos animais perdidos no deserto.
---	---

Han venido a incendiar la edad del sueño. Un adiós es tu vida. Pero tú te abrazas como la serpiente loca de movimiento que sólo se halla a sí misma porque no hay nadie.	Eles chegam incendiando a idade do sonho. Tua vida é um adeus. Porém tu te abraças como a serpente num movimento louco que se abraça a si mesmo porque não faz nada.
--	--

Tú lloras debajo de tu llanto, tú abres el cofre de tus deseos y eres más rica que la noche.	Tu choras debaixo de teu pranto, tu abres o cofre de teus desejos e és mais rica que a noite.
--	---

Pero hace tanta soledad que las palabras se suicidan.	Porém causas tanta solidão que as palavras se suicidam.
--	--

Alejandra Pizarnik. Poesía Completa. Argentina, Editorial Lumen, 2004.

Mapa da violância

Um estudo preventivo contra a voz & violão no Brasil

Surrupiado de uma das gavetas mais secretas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, o **Jornal RelevO** traz à tona o inédito Mapa da Violância do Brasil. Nele, expomos os estabelecimentos com maior perigo de ocorrência de voz & violão de sua cidade – qualquer cidade, pois a voz & violão é imanente, pervasiva e destrutiva. Nosso intuito é claro: queremos que o cidadão digno se proteja. Não queremos que você seja convidado para um aniversário do seu amigo que é, na verdade, uma apresentação de voz & violão do seu amigo – a 10 reais de entrada! Fuja dos tocadores de violão. Não seja amigo de tocadores de violão. Não consuma voz & violão.

Dave Grelha Burg 'n' Chopp

O dia em que a dupla Marcos & Marcos jantou pela primeira vez na Burg 'n' Chopp Dave Grelha foi marcante: o proprietário aprovou a participação da dupla todo sábado, a partir das 21 horas, com o melhor do pop rock nacional e internacional dos anos 80. A ocorrência regular de U2, Legião Urbana e Raul-Seixas-depois-de entregar-Paulo-Coelho faz do lugar um perigoso ponto de encontro de amigos da dupla e de calvos e barrigudos em geral, todos ornados com camisetas de *The Walking Dead*. Lá os hambúrgueres de costela com cheddar já nascem comprometidos pelo contato excessivo com as palavras “sol”, “lua” e “amor”. Estacionamento gratuito para motos iradas de empresários com mais de 40 anos e ao menos dois divórcios.

No Ponto do Corno

Buffet vegano em que uma garota magra de chapéu canta em simbiose com seu namorado cifótico. Ela toca ukulele; ele, também. **ATENTE-SE:** não existe meio buraco; não existe meia punheta; não existe meio violão. Oferece covers de The Shins, She & Him e alguma coisa da trilha sonora de *500 Dias Com Ela*. No menu, “palheta mexicana” não é o que parece, ou é exatamente o que parece. A voz & violão te desmoraliza, inibe suas ambições e seca seus hormônios. Couvert opcional – como impostos.

“Boteco” do Guto

Restaurante direcionado às classes A+, A e B+, serve caipirinhas aguadas a 35 reais e feijoada seca aos sábados. Nela, o “Boteco” do Guto dispõe de sua versão de um dos maiores clássicos da cultura brasileira: o sambinha genérico. Nas oleosas mãos de Bob “Jobim” Parreira, as canções “Lepo Lepo” e “Xibom Bombom” transcendem e ganham “versões bossa nova” indistinguíveis de uma vasectomia. O povo de polo numerada acha o máximo – é “engraçado” e “criativo” ouvir “Show das Poderosas” nos acordes de “Insensatez”. Aos fins de semana, atores da Record frequentam o estabelecimento. O menu é singelamente alterado durante as tradicionais datas comemorativas brasileiras, como St. Patrick's Day, Halloween e Thanksgiving. Cuidado: o “Boteco” do Guto cerca sua família, rasga seu dinheiro e azeda suas amizades.

Rock Morto Bar

Só rock de verdade viva o rock Yeahhh rock! \m/ Deus pq vc levou o Kurt e deixou o Justin bibert!!! :emojichoro: :emojichoro: Torcida organizada. Gole forte. Hoje 20h Diogo Litrão toca os melhores covers de ROCK eu AMO rock porraaaaaaaaa my my hey heyyy and party everyday!! Fuck funk fuck sertanejo. Leminski eh foda...

Churrasco no seu prédio

Ninguém está imune aos efeitos da voz & violão. Se, entre os condôminos, você ouvir os epônimos “Gui”, “Alê”, “Du” e “Fê”, TOME CUIDADO. Se o seu filho adolescente frequentar rodas de violão, OFEREÇA ÁLCOOL A ELE IMEDIATAMENTE. Se o seu filho adolescente for o dono do violão no churrasco, talvez seja tarde demais. Sacrificá-lo é uma opção segura: entre em contato com o **Jornal RelevO** para encontrarmos um desfecho sólido. You're my wonderwaaaaaaaaaall!

Cachorro- Crente do Zé

José Arimatéia é a vítima nesta história: todo sábado, depois das 3 da madrugada, frequentadores do “Boteco” do Guto invadem o modesto estabelecimento de duas mesas brancas e oito cadeiras de plástico para consumir o “dogão raiz” do Zé, o único com a opção Sem Pentelho no menu. Comparado a iguarias como Petit Suisse, Petit Gateau, Petit Pavê e Pepe Le Pew, entre um cachorro-quente e outro, os transeuntes obrigam o dizimista Zé a ouvir versões tunadas de “Lepo Lepo” e “Xibom Bombom”, bem como o “Hino do São Paulo Versão Funk 2010 (DJ DENIS E DJ KEIXO)”. A polícia já foi chamada duas vezes para atender músicos alvejados por sacos plásticos de mijo. As autoridades alegam que o cruzamento movimentado enerva os motoristas, que acabam escoando a frustração sonora na direção do Cachorro-Crente do Zé.

Qualquer Gole

Opção mais melancólica do Mapa da Violância, o Qualquer Gole atende endividados, pedintes e usuários de crack em busca de um refresco. Ambiente livre de empregabilidade, é o único lugar em que os rasgos da calça não são criação do estilista. Lá é possível ouvir Cássia Eller na voz de Pedro “Traque” entre a chegada do ônibus de linha e a compra da próxima bucha de pó. Também é possível ouvir as três composições de Pedro “Traque” na voz de inúmeras imitadoras de Cássia Eller. A arrecadação do couvert não é suficiente para pagar o consumo de uísque barato dos músicos. O proprietário do bar, João The Cash, também é usuário de uísque barato e desconta em dobro o consumo dos músicos a partir do que “eles não pagaram em outros dias”. Na quinta-feira, uma futura crente prestes a completar 18 anos demonstra os seios na sacada depois das 4 da madrugada ao som de Motörhead. É o único ponto da lista a também constar no superestimado Mapa da Violância.

Protein Bar

A primeira balardemia (bar-balada-academia) direcionada a consumidores de Whey Protein no país. João DellaJones, marombeiro, representante de muay thai da Academia ProLapse e vestibulando em Recursos Humanos, afirma que o seu estabelecimento, localizado inteligentemente na interseção entre uma revista de palavras cruzadas nível fácil e um pote de castanhas, não promove apresentações de voz & violão. Todavia, o Mapa da Violância já observou a performance de gravações acústicas de Charlie Brown Jr. ao lado do cesto de aveia do balcão após o fechamento da balardemia. “Os nerdão também querem curtir e puxar supino”, defende-se DellaJones, arremessando o violão. “Nem é meu isso aqui”.

Cantinho do Belzebu

Há cerca de 7 bilhões de pessoas no Planeta Terra neste momento. Aproximadamente 107 bilhões de humanos já viveram. Este mesmo planeta acumula 4,54 bilhões de anos de existência. O Homo sapiens, mais de 300 mil anos. E nós vivemos no exato momento histórico em que o Universo possibilita a existência do Acústico MTV Tiago Iorc.

Amar é viver no Inferno: O beijo da pombagira, de Leonardo Valente

Mariana Belize

Laroiê, Exu! Exu é Mojubá!

“Foi numa estrada velha,

na subida de uma serra

Numa noite de luar

De luar, de luar

Pombagira da Figueira,

moça bela e faceira

dava o seu gargalhar...

Ela é Mojubá, Ela é Mojubá!”

A partir do que a literatura nos oferece, e não é pouco, tanto eu quanto Leonardo Valente resolvemos falar sobre essa figura tão enigmática quanto popular nas casas de umbanda de hoje e sempre. Eu, a partir da obra de Leonardo, e ele a partir das figuras que constrói na narrativa: Madalena, Jacinta, Padilha, Roberto, Alejandro — nosso foco aqui são eles, por enquanto.

Essa figura, a Pombagira, já foi estudada historicamente, já descobriram seu nome e sobrenome e suas milhares de histórias encantam àqueles que são encontrados por Ela. Ah! Ela continua intransponível! Seu encanto nem a Academia, nem a História conseguiram desnudar, fazer aparecer toda sua simbologia — ah! A Academia não dá conta, meu rapaz e minha moça.

Mas na literatura podemos encontrar seus relances mais certos e suaves, suas nuances mais tocantes e tiranas, entre liberdade e tragédia — no livro de Leonardo Valente, o sorriso do gato de Alice. E a Padilha através do espelho... Sem Narciso, sem lírios. Em quem você se afogaria se não fosse em si mesmo? O que é o amor senão essa fúria e esse afogamento? E o medo? E o ciúme?

Divina mulher, aquela que espanta a morte da nossa alma com um sorriso: Pombagira, Lebara, Padilha, Figueira, Mulambo, Farrapo, Navalha — as

mulheres e seus muitos nomes, vem nos encontrar quando estamos nos momentos mais difíceis, seja presos na incredulidade com relação às belezas da vida, seja por causa dos males e bens do coração, essa luta eterna e humana, demasiada humana... Seja do coração partido, seja do amor à primeira vista, seja dos relacionamentos abusivos (que ela nos livre, amém!), seja dos casamentos desfeitos, aí está ela, com sua bebida numa mão, o cigarro na boca. Padilha é educadora de afetos.

Ela é Pombagira, aqui e em qualquer lugar. Rainha, seu trono é o coração dos aflitos. Padilha, sua estrada... nós, seus fiéis, queremos seguir, para encontrarmos o que o Mundo não dá, mas viver a alegria da salvação da morte da alma, o desânimo na luta, buscamos as curas das feridas do corpo, também o alívio das feridas da alma.

Depois dessa profissão de fé, como fica a resenha? Vai se fazendo nas entrelinhas, nos entrecruzos das orações cruzadas e nas encruzilhadas, no sinal da cruz e na trombeta dos anjos, nas ambiguidades e ambivalências dessa vida, essa morte e vida severina. Quem souber ler, que leia!

“Na família da Pombagira só não entra quem não quer... Na família da Pombagira, só não entra quem não quer...”

É Maria Farrapo, é Maria Padilha É Maria Mulambo, é Maria Mulher”

Portanto, não pretendo aqui me prender às narrativas várias de origem das Pombagiras, muito menos às questões morais que seus inimigos inventam, menos ainda aos conflitos que ela propõe aos bem ajustados a essa sociedade caricatural e doente na qual quem não está irritado é porque não entendeu ainda a gravidade da situação. Sigo a linha, alinhavando esta resenha com respeito à Dona da Gira. A espiral é dela. “Aqui, moça, tem que saber entrar e saber sair...”

Nada de Mater Tenebrarum do Dario Argento. Pombagira com raiva dá gargalhada, pois é, pois é... Fica sendo o mistério, você mesmo não vai querer ver essa raiva como Roberto viu. Aliás, Roberto, personagem-chave do livro, é a metáfora do homem de meia-idade brasileiro. Marrento, não aguenta meia hora de porrada, nem de febre, não sabe amar, cheio de ódio, rancor e, enquanto ele acha que tá mandando em tudo, a Pombagira já deu o laço da força há muito tempo. Acha que é malandro, amizade?

“Malandro é malandro e mané é mané... Pode crer que é...”

Roberto é fruto de uma educação em que a Razão está entronizada, junto

com o preconceito, o racismo e o esnobismo das classes mais enriquecidas, é um homem com olhar acostumado ao óbvio, que não tolera o diferente e trata as mulheres como seu mundo o ensinou — com desprezo e arrogância e tira seu prazer disso. É, Roberto, arrogância aqui não se cria... Deixa eu te contar:

No início fez-se o Verbo, meu caro, mas Exu já existia antes. Pro hálito de Jeová criar algo na mitologia judaica, Exu tinha que soprar o entendimento, a graça e a sorte. Deu azar, no entanto, aquele que entende a Árvore da Vida como aquela que dá a fruta do pecado, a maçã mordida e o pecado original. Deu azar quem botou os dois anjos com espadas de fogo na entrada do Paraíso. Jeová puniu e se vangloriou, mas por ser um Deus sem capacidade de perdão, permanece sozinho.

Em contraposição, os orixás não abandonam seus filhos quando estes incorrem no erro, afinal, errar é humano. Assim, além de terem seus pares, permanecem juntos aos seus filhos pela eternidade, seja através do corpo, seja pela permanência da ancestralidade. É, Roberto, aí te pega, né? Roberto não sabe ver além da dualidade e da ideia de propriedade. E isso já não é a morte?

“Ó Jurema encantada que nasceu do frio chão, dai-me força e ciência como deste à Salomão”.

Intertextualidade e dialogia

*“Padilha, soberana da estrada
Rainha da encruzilhada,
Seu feitiço tem axé*

*Suprema, é uma mulher de vermelho
Alegria do terreiro,
seu feitiço tem axé*

*Mas ela é, ela é, ela é
A rainha das encruzas
e também de luz e fé...”*

Em Clarice Lispector, conhecemos a profundidade que escapa à linguagem e à sua estrutura, a partir da epifania, o indizível e o ininteligível se tornam algo que transtorna a leitura, remexendo o leitor em sua internalidade, em sua subjetividade, em seu narcisismo, combatendo a tendência do leitor somente querer ler o que está ali dado ao seu desejo. O ponto interior é transtornado pelo fluxo de consciência dos personagens de Clarice, principalmente no caso de *Água viva*, *A paixão segundo G.H.* e *A hora da estrela*. Com as devidas distâncias entre as obras, é claro.

Em Saramago, a linguagem transforma-se em correnteza, porém em contraposição ao ritmo atarracado e sem pontuações que a narrativa impõe ao leitor. O transtorno é, novamente, a regra, principalmente em *Caim*, obra que me vem à memória nesse instante e o mergulho no texto de Saramago, assim como em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, a recepção se ressentiu muitas vezes não nos porquês a serem buscados na obra ou em suas veracidades, mas na escritura em si, na construção da sintaxe. É brabo sintetizar essa tua costura, meu velho...

Em Raduan Nassar, mais especificamente em *Lavoura Arcaica*, a linguagem também transborda em primeiro plano, para os leitores de primeira viagem. Aproveita que estamos aqui e faz uma experiência: lê a primeira página do *Lavoura Arcaica*. Vá lá, depois você volta. (Se não voltar agora, tudo bem também...)

Ledo engano, não há transbordamento, e sim um cálculo milimétrico na construção da prosa poética. Assim, a personagem principal, André, assim como Dom Casmurro, observa a todos e é a partir de seus olhos que os leitores observamos os outros personagens. Haja desconfiômetro, portanto. Haja freio de mão! Se deslanchar a leitura, caro amigo, tanto Ana quanto Capitu podem ser culpabilizadas e você vai

perder o maravilhamento da dúvida. A questão não é se Capitu traiu Bentinho. A questão é o que se dá na lacuna do será.

Assim como se você não tiver quatro estômagos para ruminar a leitura, degustar a construção, os adjetivos, os substantivos, a posição dos verbos — é como ler poesia... Olhos de águia na prosa ou jamais chegaremos ao início de uma compreensão de Hilda Hilst, por exemplo, em seu Fluxo-Floema.

Voltando a Raduan, é rapidinho, pense bem na morte de Ana ao final... A chave é essa, mas não dou aqui.

“Ave Maria, cheia de graça

O Senhor é convosco

Bendita sois vós entre as mulheres

*E bendito é o fruto do teu ventre,
Jesus.”*

Sobre Maria e as Marias, o que podemos dizer nesse texto? Maria, a santa e as Marias são o quê? São quem? Como saber? Por onde começar a entender esses mistérios? Maria, a mãe de Cristo, virgem antes, durante e depois do nascimento do filho — segundo o dogma da Igreja Católica. Vista como o exemplar da obediência, da submissão e do silêncio, ao mesmo tempo é a Rainha dos Anjos, dos Santos, dos Mártires e Vaso de Ouro, Rosa Mística, Torre de Marfim — conforme diz sua ladainha.

O silêncio de Maria é normalmente incompreendido, seu pouco falar é interpretado de forma equivocada por alguns, que a acusam de submissa. Penso que Maria foi uma mulher-exemplo de sua época. É só pensar um pouquinho... Seu silêncio era traço da educação que recebeu, era sua virtude.

E num mundo onde falar o tempo todo sobre tudo é a regra, como compreender uma mulher que aparece apenas de forma pontual, é figurada como o exemplo de obediência e submissão... e é provável que teve suas falas cortadas pelas mãos masculinas que a descreveram, maquiaram e pousaram na letra como a metáfora da obediência. Maria é aquela que fala o correto na hora certa. Maria, a do papo reto. Que não gosta de falatório à toa, nem de promessas não cumpridas... Exemplo sim de mulher que age com inteligência dentro das amarras que a sociedade impõe.

Maria, mais especificamente, Maria Padilha é a rainha da primeira falange das Pombagiras, chamadas de “moças”, cuidam dos casos de amor, beleza e dinheiro, curando os corações que amam

demais, alimentando os corações que amam de menos, ensinando o caminho do meio, trazendo equilíbrio da alegria e o entendimento dentro da tristeza, mostrando que a vida, esse livrão que a gente lá lendo sem perceber, é muito mais do que a dualidade e tá mais pro dualismo de Bilac.. Não lembra? Peraí: Não és bom, nem és mau: és triste e humano...

Vives ansiando, em maldições e preces,

Como se, a arder, no coração tivesses

O tumulto e o clamor de um largo oceano.

Pobre, no bem como no mal, padeces;

E, rolando num vórtice vesano,
Oscilas entre a crença e o desgano,

Entre esperanças e desinteresses.

Capaz de horrores e de ações sublimes,

Não ficas das virtudes satisfeito,

Nem te arrependes, infeliz, dos

crimes:

E, no perpétuo ideal que te devora,

Residem juntamente no teu peito

Um demônio que ruge e um deus que chora.

Publicado no livro *Tarde* (1919).

Como Exus, elas trabalham sob a égide de forças femininas primordiais, que amam e são puro desejo, mas também podem matar àqueles que dão a luz. A Pombagira é a representação do yin feminino em sua mais alta cadência, com seu yang interno, vibrante como sol, suave como o toque da seda, as escorpianas forças latentes que todas tem, mas poucas ousam olhar lá dentro.

Pandora e sua caixa, pros ocidentais trouxe miséria e os males, presente maldito de Zeus aos homens, ao irmão de Prometeu, castigo divino era ela. A pombagira, irmanada a Pandora, se nega a ser castigo divino e é por isso que sua lei é manifesta nos cantares do povo de terreiro com “não mexa com ela, ela é um perigo”.

Diz-se que tem o coração de um sabiá, ao mesmo tempo em que um amor faz sofrer, dois amores fazem chorar — à nós, os meros mortais, é claro. Padilha é mulher que toma veneno e não morre nunca. Passa aqui, passa lá e continua mistério. Indecifrável como a pergunta de Freud, mais confuso que otário bêbado: o que querem as mulheres?

“Maria Padilha, você é a flor perfeita

Aqui dentro desta seita

Para aqueles que tem fé

*Tu és a rosa que perfuma a Umbanda
Vencedora de demanda*

Com amor e muito axé

*Maria Padilha, não me deixe andar
sozinho*

*Ponha rosas sem espinhos nos caminhos
onde eu passar*

Maria Padilha, tire todos os espinhos

Ilumine meus caminhos para que eu

possa caminhar

ó Pombogirê, ó Pombogirá

*faça um tapete de rosas pra que eu possa
caminhar...”*

E Madalena? Madalena que também carrega o nome de Maria como um título e já foi tachada de prostituta, como Maria de Magdala, e também já foi esposa de Jesus, nora de Maria, em Dan Brown e suas conspirações illuminatis. Povo a o imaginário popular como aquela que chora. Chora muito. “Ô Madalena, o meu peito percebeu que o mar é uma gota, comparado ao pranto teu...” Se o mar é uma gota, é porque o choro é longo, profundo e convulsivo. E o sofrimento é patente.

Mas, Mariana, a pombagira não vem à terra gargalhando? Como comparar esses opostos? O choro convulsivo é, assim, irmão da gargalhada? Meu irmão, sinceramente, o que é a vida senão uma sucessão de choros e risos? A mesma Maria que é santa, é a que chora e é a que ri, bebe e fume. Meu avô me dizia: “Lágrima de mulher e choro de cachorro, ninguém se fie, não”. Ou seja, não confiar no choro das mulheres é o que o senso comum diz aos homens e às próprias mulheres. E de onde vem isso?

Vem da mesma palavra que é a pecha de Capitu, Madalena, Maria Padilha e das mulheres comuns, o que nos irmanava: a dissimulação, ou poeticamente, “os olhos de cigana oblíqua e dissimulada.” Aos olhos de Bentinho, lembre-se! O olho do ciúme entorta tudo, acha que tudo é de sua divina propriedade.

“O macho adulto branco

Sempre no comando...”

Como diria Caetano.

Afirmo e dou fé: somente num país que tem Capitu, Maria Padilha pôde se fazer presente. Herança de Medeia, geração de Helena — mas fincada nas terras de Jurema, da qual Jacinta, nome de cabocla que não é à toa, aparece e surge como um clarão da dialética do esclarecimento. E o corpo que viceja em Merleau-Ponty — corpo que toca o outro e é tocado por si. O corpo do baile, o corpo do desejo, o corpo... O corpo que deixaremos aqui no final.

Estrutura e procedimento

Longa caminhada pelos eixos e estruturas, formas e gêneros textuais é o que Leonardo Valente propõe aos leitores mais atentos. Além de mostrar as artimanhas do texto, dialogismos, intertextualidades, em cada um dos capítulos, o autor mostra as frestas que cada gênero tem e atravessa cada um com uma flecha (okê, arô!).

Acaba que o romance, gênero que permite a transgressão, guarda em e para si o caráter transgressor da própria Pombagira, a homenageada, Rainha da língua brasileira. O beijo de Pombagira que desatina é também o da poesia, seja na figura de Madalena, seja nas cantigas de Maria Padilha, seja em Safo, Florbela, Pandora, Leonora, Lésbia, Hipólita, Diana, Ártemis.

Vênus. E todas e nenhuma porque ela é única em todas. Anima mundi.

A língua portuguesa em seu caráter de liberdade, ao mesmo tempo, cheia de suas normas e parâmetros... Dentro do gênero romance, o autor utiliza as formas de artigo acadêmico para criticar a postura cientificista, positivista e, mais ainda, desmascara o racismo científico do médico psiquiatra que

utiliza o caso de Roberto para tentar provar que as religiões afro-brasileiras tem caráter esquizofrênico, trazendo para ela o caráter doentio que o próprio Foucault já havia desvelado em seus estudos sobre a loucura e das maneiras com as quais a sociedade se utiliza desses parâmetros para trancar o que é diferente, lobotomizar o que a transgride e extirpar o que lhe parece errado.

Também teremos o roteiro, a narrativa memorialística, a forma do Evangelho, das narrativas dogmáticas da fé, do poema, da prosa poética, as polifonias, intertextualidades, as dialogias, as mudanças de primeira à terceira pessoa, as mudanças dos discursos direto e indireto livre, que já vimos em Flaubert, por exemplo, a linguagem jornalística que se desdobra — explicação básica sobre tema desconhecido “O que é pombagira?” quase dicionarístico, a coluna social, a narrativa de crime passionai, a entrevista, e a matéria propriamente dita.

A linguagem, e não linguajar!, da pombagira é um espetáculo à parte! Nela encontramos a relação intrincada,

conflituosa e apaixonada entre vida e experiência, causa e efeito, amor sublime e tragédia, sincronia e diacronia, a tragédia e o romantismo, o idealismo, o subjetivismo e a crítica ao objetivismo novamente, fruto de uma visão positivista de mundo, limitante. A linguagem dela se põe no meio, no limítrofe, na borda. No fio da navalha.

“Ó Madalena, o que é teu não se divide...”

Nem tampouco se admite

Quem do nosso amor duvide...

Até a lua

Se arrisca num palpito

Que o nosso amor existe

Forte ou fraco, alegre ou triste...”

O beijo de pombagira embarca nas mais diversas referências e entrega ao leitor um romance que consegue manter o fôlego, com uma narrativa cheia de idas e vindas, mas que não cansa e que eu duvido você conseguir largar antes do fim.

É isso: tire um tempo, beba um café e leia.

Axé!

Laroiê, Exu! Exu é Mojubá! ■



O grito como navalha

Lucas Litrento

Para algumas pessoas, boa poesia é sinônimo de beleza das flores, dos lírios dos campos, dedos entrelaçados etc... Isso não é nem o começo. Poesia de qualidade é sinônimo de inquietação. Se o texto é bom, o efeito é sempre o mesmo: chocam-se as rachaduras do crânio. Em *Cavia Porcellus* (Graciliano, 2018), com sua poética das entranhas, Ana Iris Santos revela um domínio na construção de punchlines que ressoam para além da primeira leitura.

No seu livro de estreia, a poeta é precisa na construção de imagens logopaicas. No poema que dá nome ao livro, o eu-lírico traça criticamente, em apenas um verso, a rotina pela qual as mulheres foram (e são) condicionadas: “leite corte lâ” (p.21). Como os planos de engrenagens dispostos em papel, o trecho é seco e objetivo, mas com muito movimento. A imagem cheia de repetição, por si só, já diz muito sobre as relações entre os gêneros ao longo da história da humanidade. E segue: “toda mulher deve morrer / no ódio à vida sabendo / de si gritando de si” (p. 21).

Cavia Porcellus é o nome científico do porquinho-da-índia, um animal aparentemente indefeso, mas

que tem na sua descendência várias espécies selvagens. Esconde por trás de certa fraqueza uma maquinaria de violências. Com a expectativa de vida de apenas oito anos, o roedor é comumente usado como cobaia em testes científicos. Vive enclausurado. De modo inventivo, Ana faz um paralelo entre as características do animal e a condição da mulher que vive nas margens da sociedade dominada pela supremacia branca patriarcal. A metáfora é construída não apenas com o uso dos títulos, se evidencia em todo o livro.

Outra autora que usa elementos do mundo animal como metáfora para as atrocidades humanas é a romancista Ana Paula Maia, vencedora da última edição do Prêmio São Paulo de Literatura com o romance *Assim na terra como embaixo da terra* (Record, 2017). Seus protagonistas são homens solitários e pobres que trituram animais mortos nas estradas, atravessam cavernas inexploradas e cremam corpos humanos. No seu universo literário, a linha entre a bestialidade animal e a consciência humana é muito tênue. As condições extremas da marginalidade potencializam a desumanização. Ana explora esses limites em vários momentos: “à noite acendemos lanternas

/ pro trabalho dos vermes” (p. 17) e “sangro em miomas

menino e sangue

no mesmo espaço

mundo
menino
e sangue”
(p. 51).

Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação: Episódios do racismo cotidiano* (Cobogó, 2019), o livro mais vendido da Flip deste ano, remete ao pensamento de Bell Hooks sobre o momento em que produzimos conhecimento: “nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor — a dor da opressão”. Todo discurso que vem das margens carrega consigo uma forte dialética centrada na sua própria força. Partir da margem para o centro é um movimento perigoso: de um não-lugar vazio e escuro, do lugar do outro, para as luzes opacas das mais ínfimas representações de reconhecimento.

A literatura brasileira, como parte de uma língua mal resolvida com o seu passado colonialista, ainda é um espaço do centro. Isto é: majoritaria-

mente masculino e branco. Ana, além de ser da margem, fala sobre ela. Usar a palavra duplamente contra a hegemonia sempre indicará um movimento violento, um rompimento. É a única saída. Nesse sentido, vários textos do seu livro são blindados antes mesmo de serem lidos. “Dormir ao lado dum pneu / pegando fogo foi seguro” (p. 19). Esse poema, chamado a única solução é o fogo, representa bem a crueza gráfica da poética de Ana. É um texto pesado, sobre estupro, com um eu-lírico feminino desesperançoso e cheio de traumas. Tema recorrente que permeia toda a obra: o trauma, o que vem depois do ato violento. É mostrado sem rodeios, com uma crueza que não perde a leveza poética (no sentido da construção do texto, das elipses, do enxugamento, etc.). O resultado é a potência do grito num texto curto, como navalha, pois “acreditem / vocês jamais suportariam” (p.45).

A violência em dose concentrada, como um tiro que sai das bordas e corta o centro; rasga, dilacera.

E, talvez, falar partindo da margem tenha influenciado até a escolha do alinhamento do texto. A partir do romantismo, a maioria dos poetas dispuseram o texto alinhado a uma margem da página, geralmente a esquerda. Os poemas centralizados eram moda na Idade Média. Em *Cavia*, Ana também estabelece diálogos com literaturas mais antigas (principalmente na cadência da oralidade), mas essa escolha na diagramação pode ser reflexo da reiteração do discurso político. Como se no espaço demarcado do livro, a autora travasse a batalha diária e ganhasse: estando no centro e, enfim, como diz Fanon, *tornando-se*. Ao menos na parcela mínima do conflito: sendo ouvida. Pois o racismo, enquanto estrutura normal da sociedade capitalista, silencia as pessoas negras, metamorfoseando sujeitos em outros. A zumbificação (no mau sentido do termo) das pessoas

negras é um ato de extrema violência, calar é amputar membros do corpo. Por isso que o grito é como navalha. Poesia afiada.

Essa questão diagramática não é um mérito apenas do discurso, mas também uma qualidade da estrutura dos textos. Porque a mancha gráfica também faz parte da composição poética. Os espaços vazios, o alinhamento, o não uso das maiúsculas, os sinais gráficos, a escrita do q, etc. A poeta utiliza desses mecanismos para construir uma voz própria que, mesmo no primeiro livro, já dá sinais de uma presença corporificada.

Os poemas têm um ritmo discursivo que lembra a síncope da *slam poetry*, gênero muito popular entre artistas negras. Com forte influência do rap e da poesia moderna norte americana, o estilo vem se popularizando cada vez mais nas margens. Muitas poetas e rappers surgem das rodas de slam. Alguns poemas de Ana têm um ritmo que lembra muito a poesia falada, como em *ponto quarenta*: “não queria sair de casa / com essa ponto quarenta / prateada com preto / é q a língua não fere tanto / não vem com vergonha” (p.63). Outro poema sobre violências sofridas pelas mulheres e o peso da opressão, em paralelo: a resposta que vem com força.

No entanto, em alguns momentos, essa potência é um pouco inconsistente. O livro é curto, o que é importante: a unidade e as dimensões da obra também remetem à navalha, ao discurso afiado. Porque o grito depende do fôlego. Ainda assim alguns poemas parecem um pouco deslocados ou longos demais, perceptível no início do livro (*metzge e o velho senhor frederico*). Principalmente aqueles com cunho narrativo esboçando personagens masculinos. O que não atrapalha a experiência total da obra. O grito também tem variações de volume, depende do fôlego.

Fôlego que sustenta discursos da margem. E não apenas sobre a experiência da mulher no mundo supremacista branco patriarcal, mas também sobre cenários do cotidiano daqueles que vivem à sombra da política da morte. Moradores e moradoras das periferias, que veem os seus indo embora rapidamente, diariamente: “Cabô, vinte anos de idade / quase vinte e um”. No poema *F MJ 33 anos* (p. 42), o eu-lírico, potente com uma *slammer* ou oradora no púlpito de uma igreja ou de um protesto, constrói vozes e imagens quase documentais e ao mesmo tempo líricas sobre a morte em espaços marginalizados. O texto tem o melhor encerramento dentre os poemas do livro:

“antes do fogo
já era morte
antes de cair
já era entulho”.

E mais uma vez retornando à citação da canção *Cabô*, de Luedji Luna: “Quem vai pagar a conta? / Quem vai contar os corpos? / Quem vai catar os cacós dos corações?”

Os cacós. Estão por toda a obra. Não no sentido de ramificações e mensagens divididas, mas pela mistura violenta dos restos dos crânios rachados da poeta, do eu-lírico e das donas das vozes que ele reproduz e dos leitores e leitoras. Cacós de todas as margens reunidos no centro da página. Porque a autora, parafraseando a poeta afro-alemã May Ayim (traduzida por Jéssica Jess), dá “um passo mais à frente / até a periferia mais longínqua / onde estão minhas irmãs / onde estão meus irmãos”. Em seu primeiro livro, *Ana Iris*, poeta-mulher-negra (não há como dividir em vírgulas, é tudo interseccionado), traz uma visão particular quando assume a posição de marginal e não de marginalizada, de ser auto-declarada, saber de onde está falando. Em *Cavia Porcellus*, o verso “gira como calha na garganta” (p. 57). ■



TRÊS SÓIS

WILLIAM SOARES
DOS SANTOS

ED. PATUÁ

“Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, “sem pano para esfinge, / sem sombra alheia”. Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que “a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços”.”

Adriano Espínola

E não estamos todos?

Mauro Guidi-Signorelli

Hoje é o aniversário do Luis Felipe e da Vitória.

O Tiago viajou com a mulher e o filho de Amsterdã a Barcelona e o Jefferson curtiu que o Tiago viajou com mulher e filho de Amsterdã a Barcelona. O Jefferson está morando na Holanda já tem um tempo e o Tiago seguiu os seus passos recentemente. Nós três fizemos vários trabalhos em grupo na época da faculdade e algumas festas também. Quando o Jefferson esteve no Brasil alguns anos atrás, eu escrevi para ele dizendo que a gente precisava se encontrar e colocar os assuntos em dia e ele adorou a ideia. Eu então propus três datas diferentes para nos encontrarmos, mas o Jefferson ainda não me respondeu.

A Flor curtiu uma empresa que vende pôsteres artísticos de utensílios domésticos.

A Nina, a Ágata e dois outros amigos curtiram o bar-mercearia que esses dois outros amigos acabaram de abrir. A Nina e a Ágata não estavam se falando mais, até onde eu sei, então imagino que tenha sido só uma coincidência.

O Carlos curtiu uma frase do Bukowski sobre se sentir mal por não fazer nada de útil do seu tempo. Desconfio que o Carlos ainda esteja trabalhando no índice da sua tese.

O Élder curtiu um artigo sobre vinhos.

A Evelyn compartilhou um artigo pregando uma vida mais simples. A Evelyn tem compartilhado vários artigos pregando uma vida mais simples desde que ela se converteu ao Rastafa-

rianismo e se mudou para uma fazenda no Planalto Central. Às vezes me pergunto se não deveria me converter ao Rastafarianismo e me mudar para uma fazenda no Planalto Central, mas não parece assim tão simples.

O Ednardo compartilhou uma tirinha que faz piada de pais e mães cujos filhos acabaram de voltar às aulas. Não entendo a piada e imagino que seja preciso ter filhos para que ela faça sentido. Daí eu lembro que o Ednardo é solteiro sem filhos e tudo faz sentido. Quer dizer, o Ednardo ser solteiro faz sentido.

Recebo uma sugestão para ver mais tirinhas que fazem piada de pais e mães.

O Jefferson (um outro) tirou uma selfie com a esposa num restaurante. É a quarta selfie-com-esposa do Jefferson em duas semanas. Imagino a crise conjugal pela qual ele deva estar passando.

O Élder (o mesmo) compartilhou um artigo insinuando que escândalos de corrupção envolvendo partidários da direita são tratados a um ritmo mais lento que os escândalos de corrupção envolvendo partidários da esquerda. Desconfio que o Élder esteja insinuando que certos partidários são menos desonestos que outros.

A Samara curtiu um artigo defendendo os homens que tatuaram LADRÃO na testa de um menino pego roubando bicicletas. Cancele a minha amizade com a Samara. Ela é casada, além de tudo.

A Yara tirou trinta e sete fotos do seu fim de semana na praia. Sorteio uma das fotos e levanto o polegar.

O Tiago e o Jefferson curtiram um

artigo sobre os benefícios do café para a saúde. Jefferson das Holandas, não Jefferson das crises conjugais. Os Jeffersons ainda não se conhecem.

A Kelly curtiu uma hamburgueria vegetariana do Itaim. Mas ela ainda não respondeu às mensagens que eu mandei semana passada.

A Marina compartilhou duas fotos de mendigos em frente a cartazes com paisagens urbanas. Parece que os mendigos estão na frente das paisagens e não das réplicas. Faria mais sentido se as paisagens nos cartazes fossem outras, mas as fotos da Marina nunca fazem muito sentido.

A Ju está interessada num evento em algum lugar fora da cidade. A foto do evento é um tobogã sem fim no meio de um gramado sem fim. Se não fosse fora da cidade...

Recebo uma sugestão para conferir pijamas em promoção. Me pergunto como eles sabem.

O Rodrigo levou menos de cinco horas para pedalar mais de cem quilômetros e agradeceu ao seu treinador e à sua namorada pela façanha. Foi provavelmente a namorada quem tirou a foto do Rodrigo de uniforme apertado beijando uma medalha que acompanha os agradecimentos. O Rodrigo perdeu bastante peso desde que se converteu ciclista e por isso eu levanto o polegar.

A Maria Cristina curtiu um artigo sobre um grupo protestando que uma ponte em São Paulo foi batizada com o nome de um político em vez de um outro.

A Evelyn compartilhou uma foto

dela e seis rapazes sentados em volta de uma fogueira com as seguintes hashtags: rasta, rastafari, criancaindigo, pleiadianos, reggaevibes, picnic, amigos, deboinha. Todos na foto têm dreadlocks felpudos e sorrisos relaxados. Eles também têm narizes vermelhos e eu desconfio que o sol do Planalto Central não esteja sendo clemente com as suas conversões.

O Fabrício mudou a sua foto de perfil. Ele agora está de perfil.

A Flor curtiu uma revista gratuita que esconde publicidade em odes a um estilo de vida alternativo.

A Maria Cristina compartilhou um artigo criticando o procurador por trás das acusações de corrupção contra o primeiro ex-presidente de esquerda do país.

O João curtiu um artigo aclamando a França por ser o primeiro país a proibir copos e talheres de plástico, por questões ecológicas. Um dos amigos do João comentou que ele não deveria esquecer que a França também proibiu a prostituição. Sério?

A Maria Cristina compartilhou um artigo criticando a urgência com a qual o primeiro ex-presidente de esquerda do país está sendo processado por corrupção. Me lembra o artigo do Élder sugerindo que a justiça é mais lenta do lado direito. Tanto a Maria Cristina quanto o Élder são divorciados e têm mais de sessenta. Ambos gostam de vinho. Deveria apresentar um ao outro.

A Maria Cristina compartilhou um artigo criticando o judiciário.

A Maria Cristina compartilhou um artigo criticando a Monsanto.

O Luis Felipe e o Ednardo curtiram uma operadora de telefonia celular.

Suponho que eles tenham curtido essa operadora para poder ganhar algum desconto um tempo atrás e não sabem que toda semana os seus amigos e conhecidos são lembrados da sua astúcia. Mas não quero ser o arauto de más notícias. Não no aniversário do Luis Felipe.

A Maria Cristina curtiu um artigo sobre os benefícios da amora para a saúde. O artigo afirma que amoras têm vinte e duas vezes mais cálcio do que uma quantidade equivalente de leite. Levanto o polegar para a Maria Cristina por dessa vez ela ter sido positiva. E por ela ser minha tia. E por ela me ajudar com o aluguel de vez em quando.

A Yara curtiu alguma coisa que um amigo dela escreveu em espanhol. Entendo o suficiente para entender que não entendo espanhol o suficiente.

A Roberta postou uma selfie com as seguintes hashtags: matinal, casamento, amor, lindos, grata, fds, bate-volta, jetlag, unitedstates, washington, beavercreekcountryclub, travelgram, fotocelular, iphone5. Pensei que a Roberta tivesse um telefone melhor.

O Carlos e a Marta lamentam a morte de um escritor desconhecido.

A Nina curtiu que a Ágata está interessada na festa de aniversário de um bar na Augusta. Então não era uma coincidência, a Nina e a Ágata parecem ter superado as suas diferenças em nome da farra.

O Fernando compartilhou um artigo louvando um ator da nova geração e curtiu o próprio compartilhar do artigo.

As fotos do ator que ilustram o artigo são assinadas pelo Fernando e aposto que ele quer que os outros pensem que ele é amigo do ator. Mas pode ser só

hashtag-inveja mesmo.

A Natália foi marcada numa foto em que ela e quatro outras garotas se espremem na pequena sacada de um apartamento com vista para o mar. A Natália parecia mais bonita antes de parar de responder às minhas mensagens.

A Maria Cristina compartilhou um artigo sobre um pedófilo e disse estar chocada.

A Flor curtiu um instituto que vende MBAs. Me pergunto se a Flor já terminou o seu MBA. Ele tinha um título pomposo que combinava internacional, marketing e luxo. Me pergunto se a Flor ainda vende roupas.

Recebo uma sugestão para visitar a Feira de Empregos no Jabaquara. Filhos da mãe.

A Marta curtiu a letra de uma música que diz Não importa se eu não sou o que você quer / Não é minha culpa a sua projeção / Aceito a apatia se vier / Mas não desonre o meu nome.

A Maria Cristina compartilhou outro artigo criticando o mesmo procurador por trás do mesmo processo contra o mesmo ex-presidente.

O João curtiu algo bem longo que um amigo seu escreveu. Bem longo.

A Evelyn curtiu um artigo escrito em letras de outro planeta. Não entendo porque algumas pessoas perdem tempo aprendendo espanhol enquanto elas poderiam aprender rastafariano e se comunicar com o universo e arredores. Também não entendo porque há tantas fotos de pombas no artigo da Evelyn.

A Kelly curtiu algo que um amigo dela escreveu. Algo sobre acordar de madrugada para assistir ao nascer do sol no campus da universidade prestigiosa que ambos frequentaram. O

texto é tão bem escrito que quase não parece ostentação.

A Marta curtiu a foto de uma borboleta ao lado da frase Às vezes uma boa conversa e um pouco de atenção é tudo aquilo que a gente precisa para aliviar a mente turbulenta.

O Fernando compartilhou um artigo criticando o judiciário. O mesmo artigo que a Maria Cristina tinha compartilhado. O Fernando também está solteiro, mas acredito que o Élder seja um melhor acréscimo à família.

A Flor curtiu a foto de uma estátua romana de 120 DC.

O Carlos curtiu uma tirinha que faz piada de homens que usam pantufas.

O Carlos curtiu um artigo que ataca um formador de opinião que atacou aposentadorias antecipadas. O Carlos é um niilista.

A Marta curtiu um poema que rima suplicar com explicar.

A Marta curtiu uma imagem com a frase Não se torne aquele que lhe machucou.

A Marta curtiu uma imagem com a frase Espero que a vida aceitará essa minha estranha mania de ser livre. Sair do armário deve ser complicado.

A Vanessa anunciou uma viagem à Bolívia e comentou que está começando a cansar das suas longas férias.

A Ágata curtiu a foto de um céu nublado. Quem tirou a foto foi a Nina. Suas diferenças foram completamente superadas.

A Larissa curtiu a foto que um amigo dela tirou em outro país. Uma foto em preto e branco de duas crianças ao lado de uma moça. A criança da esquerda está tocando flauta, a criança da direita está cantando e a moça, no meio, está tocando tamborim. As três

mos

jovens pessoas da foto vestem branco e parecem felizes. É uma foto bonita, mas já estourei minha quota de polegares do dia.

O Kléber curtiu a foto de um barraco de um, dois, três, quatro andares tão irregulares que o barraco só pode ter sido construído a partir do último andar. Abaixo da foto segue a legenda Nossa falta de respeito pelas leis não perdoa nem as leis da física.

A Vanessa compartilhou uma foto dela num lugar que muitas outras pessoas antes dela chamaram de Machu Picchu. Ela está usando um gorro estranho e parece suada. Mando um "Belo chapéu!" e espero pelo melhor.

A Evelyn compartilhou a foto de um velho sábio ao lado de uma frase sobre correr atrás dos seus sonhos. Se ela soubesse quais são os meus sonhos...

O Fernando tirou uma foto em preto e branco de um senhor numa canoa com um cachorro. Eles parecem tranquilos. O Fernando curtiu a própria foto.

O Carlos curtiu uma foto de cinco homens num elevador com a legenda Continua descendo que a gente quer subir. Os homens são meio famosos e imagino que a foto venha de um filme ou série que ainda não assisti. E o elevador realmente sobe quando desço. E desce quando subo. Sobe. Desce. Sobe. Sobe. Sobe. Hehehe.

Recebo uma sugestão para participar de um evento chamado Dj Jeff Afrozila b2b DJ Shimza. Me pergunto o quê, me pergunto por quê. Mas principalmente o quê.

A Maria Cristina compartilhou um artigo criticando o atual presidente de ex-esquerda. Estava começando a sentir saudades dela.

A Marta curtiu uma frase que diz Amar é uma loucura aceita pela sociedade.

O Ednardo curtiu a foto de um rapaz lavando louças.

O Fernando curtiu a foto das gravações de um clipe de música. Espero que ele não conheça a cantora.

O André atualizou a sua foto de perfil. O seu filho ocupa três quartos da foto, a sua filha um quarto e o André mesmo quase não aparece. As crianças ainda são pequenas, mas eu ficaria enciumada se fosse a filha do André.

A Ju curtiu as quatro fotos que uma amiga dela tirou de uma menina. Abaixo das fotos segue a legenda Cada segyndo... com, vc filha [coração] se torna ouro [coração] [coração] [coração azul]. Me incomoda um pouco o último [coração] ser diferente dos outros três.

Recebo uma sugestão para conferir roupas infantis em promoção.

A Marta curtiu uma estorinha que diz:

- Vem pra minha casa.
- Não posso.
- Por quê?
- Estou contemplando o universo e a natureza da existência.
- Mas eu tô sozinha!
- E não estamos todos?

A Evelyn curtiu a foto de um dos seus amigos rastafári num rio de águas sujas. O amigo está remando um bote salva-vidas e sorrindo para a câmera. E não estamos todos?

Mando uma mensagem de feliz aniversário para o Luis Felipe. Mando a mesma mensagem para a Vitória e anexo a foto de um gato carregando um bolo. Espero pelo melhor. ■



A CIDADE DO VENTO

GRAZIA DELEDDA

ED. MOINHOS

Publicado em 1931, este romance traz traços marcantes da biografia de Grazia Deledda em uma narrativa que leva o leitor para sua intimidade. O eu lírico/narradora de *A cidade do vento* descreve sua relação com Gabriel, um amor de sua juventude que desaparece para retornar à sua vida poucos dias após seu matrimônio com outro homem. Em um jogo de tensões precisamente calculado, passado e presente se entrelaçam diante do olhar do leitor e dão forma à trama arquitetada por Deledda.

TRAD. WILLIAM SOARES DOS SANTOS

• editoramoinhos.com.br •

Mas, afinal, para que, então, filosofia?

Fausto dos Santos Amaral Filho

Trecho de *Mas, afinal, para quê, então, Filosofia?* (Editora da UFFS, 2019)

“Filosofia é aquele modo de pensar, com o qual, essencialmente, nada se pode começar e acerca do qual as criadas necessariamente se riem” (HEIDEGGER).

Ao que tudo indica, quando do seu surgimento, em seu princípio, a filosofia era algo bem diferente daquilo que hoje ela parece ser. Mas não poderia ser de outro modo! Alguém rapidamente vai nos lembrar. Afinal, quanta coisa mudou, desde que Tales de Mileto, aquele que é considerado o primeiro filósofo, andava por aí a medir pirâmides “e a predizer eclipses do Sol e os solstícios” (DIÓGENES LAÉRCIO, I, 27). Ainda que, desde lá, assim como o próprio Tales, filósofos continuem a cair em buracos e, com isso, possam continuar risíveis.

Como sabemos, foi Platão quem nos legou a piada sobre Tales no Teeteto. Talvez, não apenas no intuito de ridicularizar o filósofo Pré-Socrático, como alguém poderia pensar apres-

sadamente. Mas, antes, para falar de algo que necessariamente advém com um determinado modo de ir levando a vida: o filosófico. Afinal, é Platão mesmo quem diz, logo na sequência, que a dita anedota pode ser aplicada a todos os que resolvem levar a vida assim, filosofando. Mesmo porque, talvez, olhando para cima, a proximidade com o buraco seja uma das possibilidades mais próprias do filosofar. Com o que, o riso dos servos também.

Quem cai no buraco é arrancado da superfície, direcionado, então, para a profundidade que o sustém. Como na arquitetura, é a partir do profundo que se lançam os fundamentos. Mas, fundamento, só faz sentido a partir daquilo mesmo que funda. Assim é que aprendemos: os primeiros filóso-

fos buscavam compreender, de uma maneira outra até então, a pertinência daquilo que se funda (physis) a partir do fundamento (arkhé). Mas o que é que buscam os filósofos de hoje? Aliás, será que, como outrora, ainda os há hoje em dia? Ora, se é verdade que, desde os gregos até aqui, por conta dos próprios gregos, o mundo não é mais aquele, é claro que a filosofia, apesar de todo o seu parentesco com os astros, sendo feita por aqui mesmo, sob os nossos pés, ainda que não poucas vezes lhe falte o chão, também não poderia ser mais, exatamente, aquela.

Afinal, como nos ensinou um outro filósofo dos primórdios da filosofia, Heráclito, não é verdade que “tudo flui”? Assim, é evidente que, aquilo que chamamos de filosofia, na aurora

CASA

5 anos!

- Agenciamento Literário
- Leitura Crítica de Originais
- Assessoria de Imprensa para Lançamentos de Livros

casaprojetosliterarios.com.br

@casaprojetosliterarios

do seu começo, deve ser bem diferente daquilo que chamamos de filosofia no crepúsculo do seu final. Mas se aquilo que era feito no século VII a.C. é bem diferente daquilo que se faz no século XXI d.C., por que ambas as atividades são designadas pelo mesmo nome, filosofia? Usando o mesmo nome para designar a atividade daqueles que a praticam, quer no seu começo, quer no seu final, não se está querendo apontar para a mesma coisa? Mas então também podemos designar os filósofos de hoje, assim como eram os de outrora, pelo nome de (physiká) (naturalistas)? O dito fim da filosofia não é justamente a dita validade das ciências naturais?

Mas, então, se os gregos viveram a aurora do seu começo, e nós vivemos o crepúsculo do seu final, a expressão os filósofos de hoje, dita hoje, ainda faz algum sentido? Que tenha um significado é forçoso afirmar, visto que, bem ou mal, entendemos o que ela quer dizer; ao menos, reconhecemos cada uma das palavras usadas para compor a referida frase como sendo pertencentes ao nosso idioma e que usamo-las, na composição, dentro da licitude vigente exigida por nossa gramática. Com o que, no entanto, nada é decidido a respeito da possibilidade de uma existência filosófica ou não. Ainda mais nos dias atuais, onde, apesar de toda informação, ou até mesmo por isso, ao menos quanto à filosofia, ao certo, ao certo mesmo, ninguém parece saber mais nada. Mas será realmente preciso dizer ao certo o que é filosofia? Será mesmo possível?

Do jeito que as coisas vão, neste momento, alguém poderia até mesmo nos dizer: “Mas para que tanto auê por conta de uma palavra? Ora, ora; palavras são palavras. Por que filosofia diferiria tanto de abacaxi, automóvel

ou rancor? Usando-as todo mundo já não sabe o que cada uma é?”

Mas então devemos realmente calar-nos e esquecer tudo isso, ocupando melhor nosso tempo, admitindo que filosofia não passa de uma mera palavra?

Mas não é justamente isto, o fato de ser, ao fim e ao cabo, meramente uma palavra, aquilo que tanto nos causa espanto e admiração? Como pode uma mera palavra, apenas, levar alguém para o fundo do poço? Se é que o tem, de onde uma mera palavra pode extrair todo o seu poder? Será que é assim que se pergunta? Ou será que a palavra não é capaz de extrair nada, recebendo, antes, como dádiva, aquilo que pode? Pois que ela pode é difícil negar. Até mesmo a sabedoria popular sabe disso quando afirma que “as palavras removem montanhas”. Afinal, não foi tão somente a mera palavra de Deus capaz de criar o mundo? Mas a propósito de que invocamos agora o poder de Deus: para fiar o poder da linguagem? Se filosofamos, ainda mais no século 21, não deveríamos andar com nossas próprias patas? Por Zeus, o fim da filosofia também não é a morte dos deuses? Mas quem mata um deus, nem que seja por dignidade, assim como Judas, não acaba matando a si mesmo?

Em seu final, quem é que precisa de terapia, as palavras ou o filósofo? Aliás, quem é que decide, passando o aval, que a filosofia chegou ao seu final? Marx, Wittgenstein, Heidegger? A filosofia de cada um dos filósofos não está sempre no seu final? Mas quem pode avaliar o seu começo? Tales, Heráclito, Parmênides? Afinal, quem é que decide o ser filósofo? Aliás, se é tudo tão confuso, como é que alguém pode, de sã consciência, decidir-se pela filosofia? Para ir ao fundo do poço? E ainda servir de chacota? Será que, em se

tratando de filosofia, o melhor mesmo não é escutar o conselho de Epiteto e ficar calado? “Se as teorias filosóficas te seduzem, senta-te e te volta para ti mesmo. Mas não te chames jamais de filósofo e só sofras se alguém te der esse nome” (ÉPICTÈTE. Entretiens, III, 21, 23). Mas sofrer por quê? Pelo riso da Trácia? Mas por que as criadas se riem? Porque o filósofo caiu no buraco, indo ao fundo do poço? É claro que sim. Para a serva sorridente, prova cabal daquilo que ela já suspeitava: a filosofia não serve para nada. Mas se é assim, nada mais pertinente do que a nossa pergunta: Mas, afinal, para que, então, filosofia?

Pois, se é assim, coisa esquisita que hoje, passados aproximadamente 3000 anos daquela primeira queda, ainda haja quem esteja disposto a tanto. Que ao nosso redor possa haver um filósofo é até mesmo espantoso! Ora, mas se voltamos a nos espantar, de acordo com a tradição que estamos seguindo, é um bom sinal. Afinal, como nos diz um filósofo, “foi pelo espanto que os homens começaram a filosofar tanto no princípio como agora” (ARISTÓTELES, 982 b). E, se de fato é deste modo, como nos diz outro filósofo, se “o espanto carrega a filosofia e impeira em seu interior” (HEIDEGGER), se nós mesmos, agora, voltamos a nos espantar, ainda que seja com a própria filosofia, ou ainda mais propriamente, por isto mesmo, que a causa do nosso espanto seja a própria filosofia, é porque, de alguma forma, já nos movemos no âmbito próprio do filosofar. Com o que se pretende estar livre da incumbência de uma possível objeção: mas não seria necessário, antes mesmo de se fazer a referida pergunta por um suposto para que da filosofia, dar resposta a uma outra pergunta? Não seria necessário dizer, antes, o que é

isto, a filosofia? Ainda mais se de fato filosofamos? Todo o filosofar não deve começar pela definição dos conceitos? Não foi assim que aprendemos? Lembremos que sim.

Aprendemos que, se filosofamos, devemos estar atentos às regras básicas de um modo tão específico de usar a linguagem que nos deixa atados, no dizer de mais um outro filósofo, “como que por sapatos muito apertados” (WITTGENSTEIN). Aqui quero lembrar de uma regra que, por assim dizer, suporte a possibilidade de continuarmos, por ora, pensando o que se deixou ser pensado, quer filosofemos ou não. Falo da *petitio principii*, ou melhor, do fato de não podermos cair em petição de princípio quando filosofamos. Ainda que de vários modos possamos fazê-lo, lembremos aqui, com Aristóteles, da mais óbvia; “quando se postula o próprio sujeito a demonstrar” (ARISTÓTELES, 162 b). “Postular e supor o ponto de partida é um raciocínio que, do ponto de vista do gênero ao qual pertence, consiste num vício de demonstração do problema proposto” (ARISTÓTELES, 64 b).

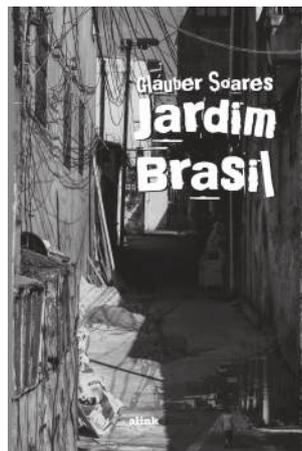
Ora, para definirmos formalmente a filosofia, demonstrando o que ela é, já devemos estar, de alguma forma, filosofando, ou seja, pressupondo aquilo mesmo que se quer demonstrar. Diferentemente, para dizer o que é nadar, não é preciso que nos joguemos na água, assim como, para dizer o que é correr, nem precisamos apurar o passo, podemos, até mesmo, fazê-lo sentados. Agora, dizer o que é filosofia já é, necessariamente, filosofar. Estão vendo? Coisas realmente estranhas ocorrem com a filosofia, pois, ao que parece, a julgar pelo que diz o próprio filósofo, até mesmo para negá-la é preciso, contudo, filosofar (Cf. ARISTÓTELES, fr. 2). ■





Sarita Albagli em Território e territorialidade, da coletânea Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva, Relume Dumará, 2004.

A territorialidade, como atributo humano, é primariamente condicionada por normas sociais e valores culturais, que variam de sociedade para sociedade, de um período para outro. Ela resulta de processos de socialização, da psicologia coletiva, da interação entre seres humanos mediada pelo espaço. Entendida à semelhança de substantivos análogos, como brasilidade, sexualidade e outros [...] O território é construído historicamente, remetendo a diferentes contextos e escalas: a casa, o escritório, o bairro, a cidade, a região, a nação, o planeta. Daí que o território seja objeto de análise sob diferentes perspectivas — geográfica, antropológico-cultural, sociológica, econômica, jurídico-política, bioecológica —, que o percebem, cada qual, segundo suas abordagens específicas. O território assume ainda significados distintos em cada formação socioespacial. ■



Sexo, drogas, funk... & muitos "corres". **JARDIM BRASIL** é um icônico bairro da zona norte de São Paulo, além de título e cenário do novo romance de Gláuber Soares.

"*Jardim Brasil* é romance atual, uma etnografia, mergulho nos corredores da memória coletiva periférica - em nossa existência, literatura. Também é sobrevivência - podem-se ver e ouvir os sons, as percepções de uma juventude, as relações de poder, o erotismo, a vidaloka que segue nas biqueiras e nas ruas citadas por onde passamos na quebrada", Everaldo Ygor.

"Muito mais do que um romance sobre a miséria e a violência típicas de uma metrópole. *Jardim Brasil* é uma comovente história de camaradagem e esperança, que reforça nossa crença no poder libertador da arte", Nelson de Oliveira.

Adquira o seu exemplar em
www.alinkeditora.com.br